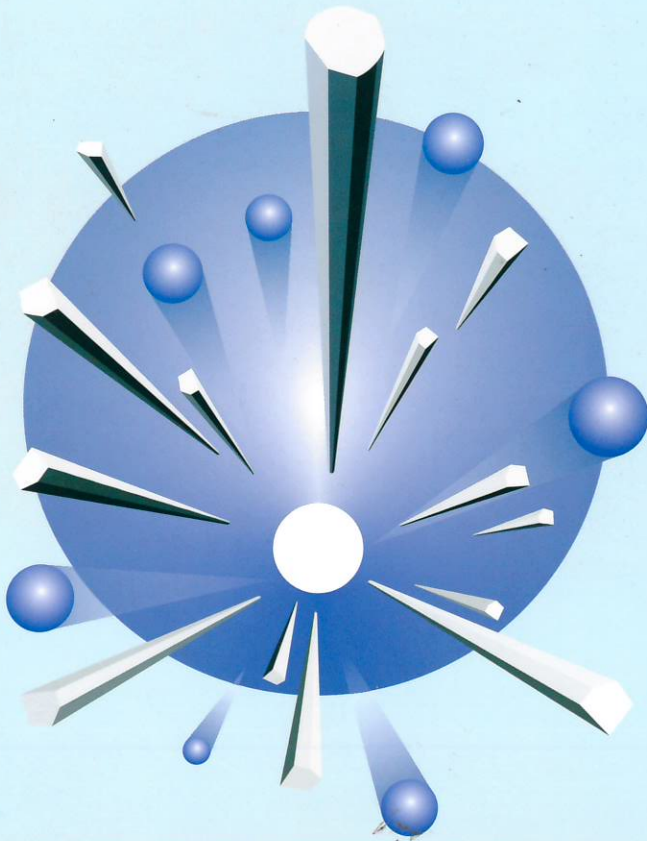


A SÉRIE ACADÊMICA



Missão da PUC-Campinas

"A Pontifícia Universidade Católica de Campinas, a partir de valores ético-cristãos, considerando as características socioculturais da realidade, tem como missão produzir, sistematizar e socializar o conhecimento por meio de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando à capacitação profissional de excelência, à formação integral da pessoa humana e à contribuição com a construção de uma sociedade justa e solidária".

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

GRÃO-CHANCELER

Dom Bruno Gamberini

REITORA

Profa. Dra. Angela de Mendonça Engelbrecht

VICE-REITOR

Prof. Dr. Eduard Pranic

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Prof. Dr. Germano Rigacci Júnior

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

Profa. Dra. Vera Engler Cury

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Prof. Dr. Ricardo Pannain

EDITOR

Germano Rigacci Junior

CONSELHO EDITORIAL

Alicia María Hernández Munhoz

Elisabete Matallo Marchesini de Pádua

Eliana das Neves Areas

Cássia Geciauskas Sofiato

Juleusa Maria Theodoro Turra

Márcio Roberto P. Tangerino

Mariângela Cagnoni Ribeiro

ASSISTÊNCIA ADMINISTRATIVA E OPERACIONAL

Valdinéia Aparecida Silva Bueno

A SÉRIE ACADÊMICA

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

Série Acadêmica. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
Pró-Reitoria de Graduação. – v.1 n.1 (1994)- Campinas, SP:
PUC-Campinas/PROGRAD, 1994-

n. 26, 2010

Anual

Especial Práticas de Formação

ISSN 1980-3095

1. Educação – Periódicos. 2. Ensino superior – Periódicos. I. Pontifícia
Universidade Católica de Campinas. Pró-Reitoria de Graduação.

CDD 370

SUMÁRIO

05 **Apresentação**

Artigo

9 **Práticas de Formação: 10 anos de um Projeto Inovador**
Prof^ª Silvia Cristina de Matos Soares

Gestão acadêmico-pedagógica das Práticas de Formação: memórias, vivências, experiências

23 Conselho Consultivo das Práticas de Formação
25 Ex-coordenadores das Práticas de Formação
31 Funcionárias das Práticas de Formação

Práticas de Formação: parcerias e experiências de Ensino e de Aprendizagem

37 **Resgate sua matemática básica**
Prof. Alexandre Monteiro da Silva

45 **As múltiplas faces da fotografia**
Profs. Amarildo Carnicel, Celso Luiz Figueiredo Bodstein e Nelson Sebastião Chinalia

57 **Retiro Universitário**
Brenda Maribel Carranza Davila

63 **Com a voz, os docentes e os alunos! Contribuições do Projeto Práticas de Formação**

Baú de Preciosidades

75 **Entrevista: Práticas de Formação: Significado para a vida acadêmica**
Prof. José Francisco B. Veiga Silva

77 **Anexos**

83 **Instruções aos autores**

APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação que apresentamos este número da Série Acadêmica, dedicado à comemoração dos 10 anos das Práticas de Formação.

Este Projeto, desenvolvido pela Vice-Reitoria de Assuntos Acadêmicos no ano de 1999, tendo à frente o Vice Reitor, Prof. Carlos de Aquino Pereira, foi implantado a partir do ano 2000, não só para atender aos dispositivos legais de flexibilização curricular mas, sobretudo, para potencializar e contribuir para a formação integral de nossos alunos da Graduação, por meio de diversas atividades culturais, esportivas, artísticas, religiosas e técnico-científicas.

A trajetória do Projeto, consolidado pelo esforço e participação tanto da Coordenadoria de Práticas de Formação, quanto dos professores, alunos e funcionários envolvidos, revela sua riqueza e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de registrarmos num só número da Série Acadêmica, toda sua contribuição para o cumprimento da missão institucional.

No entanto, os depoimentos, os relatos das experiências e vivências dos diferentes segmentos aqui apresentados, testemunham parte desta trajetória e nos instigam a conhecê-la em profundidade.

O artigo inicial resgata e contextualiza o Projeto Práticas de Formação, mostrando sua estrutura e suporte de apoio ao desenvolvimento das atividades e seu alcance até o momento.

Aspectos da gestão acadêmico-pedagógica e administrativa são mostrados a seguir, por meio de relatos dos docentes e funcionários que participaram, e ainda participam, do Projeto.

Experiências de duas Práticas de Formação, de áreas de conhecimento distintas, são apresentadas a seguir, testemunhando a

diversidade e riqueza das atividades oferecidas aos alunos; ainda nesta seção, consta o depoimento da Pastoral Universitária, que, atuando nestes 10 anos junto à Coordenadoria de Práticas de Formação, consolida uma parceria que contribui, sem dúvida, para a formação interdisciplinar, solidária e socialmente responsável de nossos alunos.

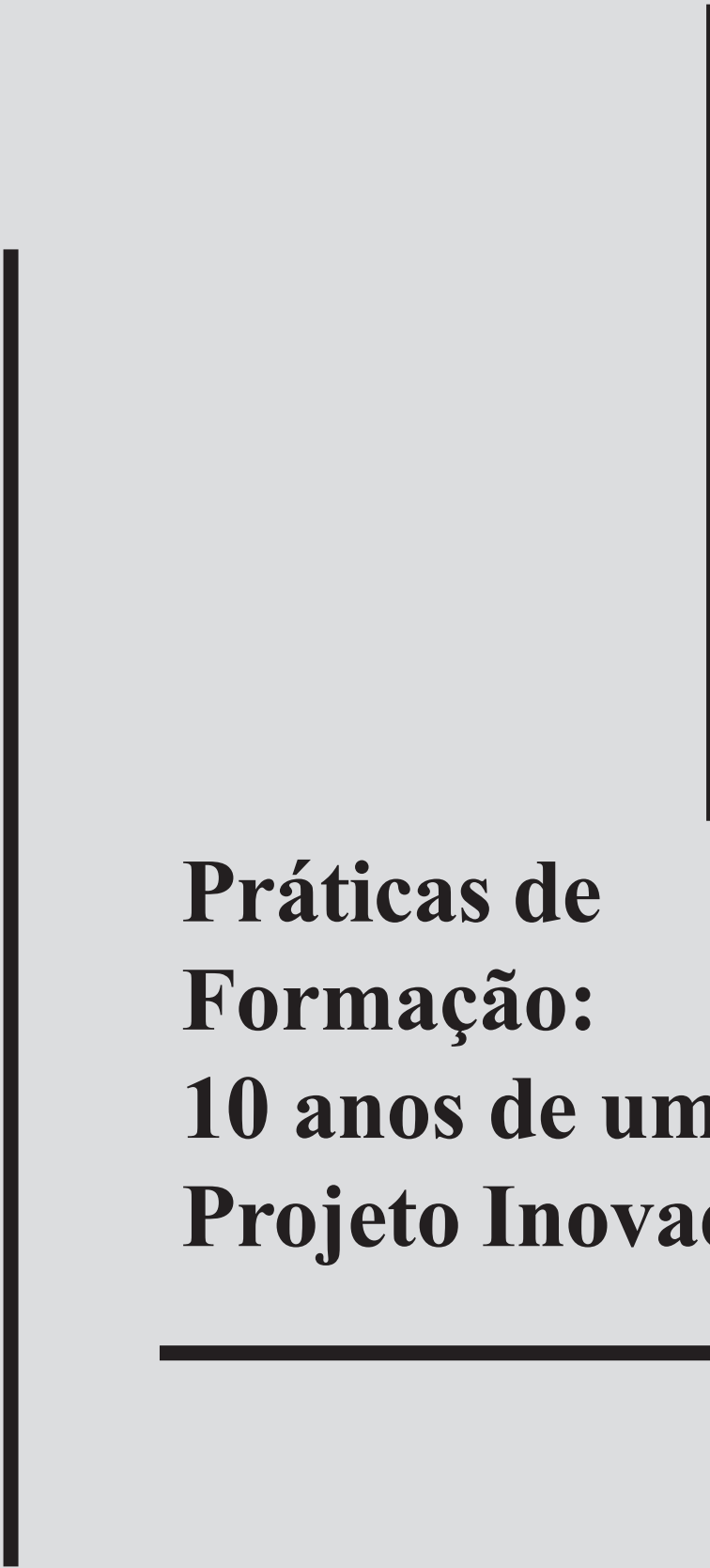
Contribuições do Projeto Práticas de Formação são a seguir registradas pelos docentes que dele tem participado, abrangendo aspectos do significado do Projeto para a Universidade, bem como suas contribuições para os alunos e para os próprios docentes.

A seção Baú de Preciosidades encerra este número especial da Revista, trazendo a palavra do professor José Francisco B. Veiga Silva sobre o significado das Práticas de Formação.

Um projeto desta natureza, que abrange anualmente a totalidade dos alunos da Graduação (cerca de 18.000), em cada etapa de sua formação, traz desafios constantes para o cotidiano, pelas exigências próprias de articulação com os projetos pedagógicos, de organização, infra-estrutura, logística; no entanto, o que nos anima é sua capacidade interna de renovação e criatividade, e sua capacidade de empolgar todos os envolvidos para que as atividades propostas tenham o êxito esperado.

Portanto, este número da Série Acadêmica, além do registro de parte da trajetória do Projeto, é também uma homenagem a todos que direta ou indiretamente vem contribuindo para sua consolidação e aprimoramento constante.

Prof. Dr. Germano Rigacci Junior
Pró-Reitor de Graduação



**Práticas de
Formação:
10 anos de um
Projeto Inovador**

PRÁTICAS DE FORMAÇÃO: 10 ANOS de um Projeto Inovador

Prof^a Ms. Sílvia Cristina de Matos Soares¹

"Não há outro remédio que navegar nas revoltas águas globais [...]. É essencial, portanto, para essa viagem inescapável e potencialmente criativa, ter uma bússola e uma âncora. A bússola: é educação, informação, conhecimento individual e coletivo; a âncora: nossas identidades – saber quem somos e de onde viemos, para não nos perdermos do lugar para onde vamos"

(CASTELLS, 1999).

1. Introdução

Observando a evolução da sociedade, em relação ao aspecto educacional, percebemos que o século XX dedicou-se à busca de certezas científicas e ao acelerado desenvolvimento das diversas disciplinas do conhecimento humano. Já o século atual tem o foco na abordagem interdisciplinar, centrada no problema e não na disciplina. O uso intenso de informação e conhecimento é uma das características da nossa sociedade contemporânea.

De acordo com Gibbons (1994), surgem novas formas de produção e disseminação do conhecimento, que são caracterizadas pela participação de múltiplos atores. Castells (1999) destaca o "Aprender a viver juntos", "como cidadão do mundo", como um dos pilares da educação atual. A UNESCO (1998) diz que "os sistemas de educação superior devem

fortalecer sua capacidade de conviver com a incerteza, de mudar, de provocar mudança... a educação superior precisa assumir papel de liderança na renovação de todo o sistema educativo".

Os vínculos entre educação superior, mundo do trabalho e outros setores da sociedade devem ser fortalecidos e renovados, considerando as mudanças, o surgimento de novos paradigmas de produção baseados no conhecimento e suas aplicações, e no tratamento da informação (UNESCO, 1999).

A PUC-Campinas, enquanto Universidade, caminha sempre em direção à formação integral do aluno, visando capacitá-lo profissionalmente para sua atuação no mundo do trabalho e também formá-lo como ser humano inserido em uma sociedade que vive constantes mudanças.

Apresentamos, neste artigo, inserido no contexto da sociedade atual, o Projeto

¹ Mestre em Ciência da Computação, Professora da Faculdade de Análise de Sistemas, da PUC-Campinas, Coordenadora da Coordenadoria das Práticas de Formação no ano de 2010.

Institucional da PUC-Campinas "Práticas de Formação: Uma Contribuição ao Projeto de Formação Integral da PUC-Campinas". Mostramos, brevemente, sua evolução ao longo dos 10 anos de existência, que envolveu interdisciplinaridade, convivência e participação dos múltiplos atores: alunos, professores e funcionários, no processo de construção do conhecimento e formação do ser humano.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: a Seção 2 apresenta, resumidamente, o Projeto de Práticas de Formação da PUC-Campinas e seus objetivos; a Seção 3 descreve, brevemente, a evolução do Projeto; a Seção 4 mostra as principais atividades atuais e planejadas e a Seção 5 apresenta uma discussão final.

2. O Projeto Práticas de Formação

O Projeto "Práticas de Formação: Uma Contribuição ao Projeto de Formação Integral da PUC-Campinas" surgiu em 1999, quando as Unidades Acadêmicas trabalhavam no processo de reestruturação curricular dos cursos de graduação. Sua criação veio ao encontro das estratégias propostas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96.

O Projeto foi aprovado na 328ª Reunião do Conselho Universitário da PUC-Campinas. Algumas modificações foram sugeridas e contempladas, por decisão do CONSUN, em sua 347ª Reunião e sua operacionalização ocorreu em 2000.

Seus objetivos² são:

- ✓ potencializar a formação integral da pessoa humana;
- ✓ possibilitar a flexibilização e a constante atualização curricular;
- ✓ aprofundar ou complementar as práticas curriculares usuais;
- ✓ atuar como campo de experimentação e renovação de estratégias pedagógicas;
- ✓ promover o melhor atendimento das necessidades e interesses individuais, em relação aos conteúdos e à organização das cargas horárias;
- ✓ proporcionar a formação interdisciplinar e transdisciplinar;
- ✓ oferecer oportunidade para convivência interuniversitária (entre alunos, professores e funcionários dos vários cursos e diversas áreas do conhecimento).

As Práticas de Formação fazem parte da estrutura curricular dos cursos de Graduação da PUC-Campinas. São oferecidas atividades de 17 horas-aula, que correspondem a um crédito, ou atividades de 34 horas-aula, que correspondem a dois créditos.

As atividades oferecidas pelas Práticas de Formação envolvem as mais diversas áreas do conhecimento e podem ser de caráter técnico-científico, cultural, religioso, lingüístico ou desportivo. As ilustrações, a seguir, mostram algumas dessas atividades.

² Ver o documento institucional "Práticas de Formação: Uma Contribuição ao Projeto de Formação Integral da PUC-Campinas". *Revista Série Acadêmica*. PUC-Campinas, n. 16.



**Ilustração 1. Permacultura:
Introdução às Práticas Sustentáveis da Vida**



Ilustração 2. Folkcomunicação



**Ilustração 3. Identidade Sócio-Político Cultural:
Brasil – República - Rio Cultural**



Ilustração 4. Aprenda a Comer Corretamente



Ilustração 5. Desenho Livre



**Ilustração 6. Responsabilidade Social:
Ação e Cidadania**

As atividades podem assumir diferentes modalidades, como por exemplo, oficinas, ciclos de palestras, minicursos, seminários, visitas técnicas, entre outras.

O Projeto Institucional de Práticas de Formação da PUC-Campinas prevê tanto atividades a serem realizadas presencialmente quanto a distância. Na modalidade a distância, o Projeto estabelece a proporção de 75% de aulas a distância e 25% de aulas presenciais, caracterizando esta modalidade como semi-presencial. Esta modalidade não é regularmente oferecida. É oferecida em caráter experimental.

As Práticas de Formação são estruturadas em três módulos³:

- ✓ Módulo I: atividades para integrar o aluno à vida universitária e acadêmica;
- ✓ Módulo II: atividades gerais que contribuem para a formação integral do aluno;
- ✓ Módulo III: atividades para atualizar e integrar o aluno ao mundo do trabalho.

O número de Práticas de Formação que faz parte do projeto curricular depende da duração de cada curso. Para cada semestre do curso, o aluno precisa cursar um crédito de Práticas de Formação, podendo cursar, no máximo, dois créditos por semestre. Portanto, um curso que possui a duração de seis semestres tem seis Práticas de Formação em seu projeto curricular. O controle é feito via Sistema Acadêmico, porém o aluno tem a responsabilidade de acompanhar sua situação em relação a este componente curricular.

As Práticas de Formação a serem cursadas são de livre escolha do aluno. No processo de matrícula em atividades de

Práticas de Formação, o aluno indica seis atividades, de acordo com sua preferência. O sistema utiliza um Índice de Classificação⁴ para atribuir as atividades aos alunos. As vagas remanescentes são oferecidas e atribuídas de acordo com a ordem de acesso dos alunos.

Novos projetos de atividades de Práticas de Formação podem ser livremente propostos por docentes da PUC-Campinas. As novas propostas são avaliadas pelo Conselho de Faculdade, em relação à formação científica e pedagógica, aprovada pela Diretoria de Centro e Diretoria de Curso, quanto à viabilidade de obtenção da infra-estrutura necessária e aprovada pela Coordenadoria de Práticas de Formação, em relação à adequação do novo projeto ao Projeto Institucional de Práticas de Formação.

Para realização de suas atividades, a Coordenadoria das Práticas de Formação conta com a seguinte estrutura organizacional:

- 3 Funcionários;
- Conselho Consultivo, que é formado por representantes de Centros, Unidades e Órgãos da Universidade, totalizando 11 membros do Conselho
- Coordenação, exercida por um docente.

O Projeto de Práticas de Formação, inovador no Ensino Superior do Brasil, envolve e ainda envolve inúmeros desafios. Em sua implantação, enfrentou a necessidade de agendar atividades aos sábados, em um momento em que era "*patente a rejeição de aulas aos sábados*"⁵, tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos. O oferecimento de atividades para atendimento da demanda, a busca por temas atuais, por atividades que integram ensino, pesquisa e extensão, atividades com dinâmicas fora do

³ Ver a Resolução Normativa PUC nº 019/05 para maiores detalhes.

⁴ Ver artigo "Práticas de Formação da PUC-Campinas: Desafios do Aprimoramento Acadêmico". *Revista Série Acadêmica*. PUC-Campinas, n. 22, jan/dez. 2007, 65-73.

⁵ Ver o documento institucional "Práticas de Formação: Uma Contribuição ao Projeto de Formação Integral da PUC-Campinas". *Revista Série Acadêmica*. PUC-Campinas, n. 16.

ambiente da sala de aula, atividades práticas e de ensino a distância também são constantes desafios que fazem parte do cotidiano deste Projeto.

3. A Evolução do Projeto

Muitas atividades de Práticas de Formação foram oferecidas desde o ano de

2000, quando ocorreu a implantação do Projeto, até 2010.

O Quadro 1 mostra o número aproximado de turmas e vagas oferecidas, de alunos matriculados e de docentes que ofereceram atividades de Práticas de Formação desde o ano de 2000. São informações aproximadas, pois pequenas alterações em matrículas, turmas e vagas podem ter ocorrido após o momento da coleta de dados.

Quadro 1. Número Aproximado de Turmas e Vagas Oferecidas e Alunos Matriculados desde 2000

NÚMERO DE TURMAS	NÚMERO DE VAGAS	NÚMERO DE MATRICULADOS	NÚMERO DE DOCENTES
8.500	274.000	217.000	970

De acordo com o Quadro 1, o número aproximado de docentes envolvidos com o Projeto de Práticas de Formação, desde 2000, é 970. A atuação dos docentes foi e ainda é de extrema importância para a viabilização do oferecimento de turmas, nos três *Campi* da Universidade, que garantam o atendimento da demanda por matrículas por parte dos alunos.

Ao longo desses anos, tanto as atividades de aulas ministradas por docentes e cursadas por alunos, quanto as atividades operacionais que envolvem o funcionamento da Coordenadoria das Práticas de Formação, proporcionaram muitas vivências a todos os envolvidos com este Projeto. Essas vivências demandaram mudanças para a melhoria de todo o processo.

As experiências vividas com alunos, professores, funcionários e diversas Unidades e Órgãos da Universidade possibilitaram e ainda possibilitam a execução de ações para a superação dos desafios enfrentados.

A necessidade de atuação no mercado de trabalho, cada vez maior, por parte dos alunos, despertou-os para a aceitação das atividades propostas aos sábados e fez surgir a demanda por outros horários de aula. Portanto, atualmente, as Práticas de Formação são

oferecidas aos sábados, no período da pós-aula matutina, da tarde e da pré-aula noturna. Esses novos horários de aula foram naturalmente impostos pelas mudanças vividas por nossos alunos atuantes no mercado de trabalho.

Um problema constantemente enfrentado no início de oferecimento das Práticas de Formação era conseguir atender a demanda por atividades. A solução para minimizar este problema foi obtida ao longo dos anos por meio do trabalho da Coordenadoria de Práticas de Formação, sob orientação da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), junto aos professores, diretores de Faculdades e diretores de Centros para incentivar o oferecimento de mais Práticas de Formação.

Atualmente, atendemos a demanda com o oferecimento de vagas suficientes para os alunos nas diversas atividades.

O atendimento da demanda por atividades não é o único desafio das Práticas de Formação. Enfrentamos outros desafios, apresentados pelas seguintes questões: as atividades oferecidas são de interesse dos alunos? Os temas das atividades oferecidas são atuais? Ajudam a integração dos alunos ao mercado de trabalho? Contemplam acessibilidade? Esses desafios são e serão

constantes devido à dinâmica do mundo atual e as necessidades do mercado de trabalho que sofrem freqüentes mudanças.

Para superar tais desafios, novamente, precisamos do trabalho conjunto da Coordenadoria de Práticas de Formação, dos professores, diretores de Faculdades e diretores de Centros para captação dessas necessidades emergentes em um mundo em evolução, diretamente relacionadas aos interesses dos alunos e para oferecimento de novos projetos de Práticas de Formação.

Por meio da colaboração de todos os envolvidos com o Projeto de Práticas de Formação, desde 2009, oferecemos atividades durante a Semana Especial para atender necessidades que são específicas de alguns formandos. A Semana Especial acontece no primeiro semestre, uma semana antes do início do ano letivo. Somente alunos formandos podem participar das atividades. Esta ação possibilita minimizar problemas que alguns formandos enfrentam para finalizar seu curso, por não terem cursado todos os créditos de Práticas de Formação necessários ao seu currículo.

O Projeto de Práticas de Formação vem sendo implementado gradualmente ao longo do tempo e está articulado a outros projetos da Universidade como, por exemplo, o Projeto Acompanhamento Acadêmico do Aluno (PAAA⁴), atividades de pesquisa e extensão e atividades relacionadas à Pastoral.

Tanto o número de Projetos de Práticas de Formação quanto o número de vagas oferecidas e o número de docentes envolvidos com o oferecimento de atividades cresceram desde o início do Projeto até o momento atual.

A manutenção e evolução do Projeto de Práticas de Formação só são possíveis porque temos docentes, diretores de Centros e de Faculdades, demais Unidades e Órgãos da Universidade envolvidos e colaborando para a melhoria deste Projeto.

A participação dos alunos também é fundamental para o planejamento e execução de ações que contribuam para alcançarmos maior qualidade nos diversos aspectos que envolvem as Práticas de Formação, podendo estar relacionados à infra-estrutura, ao conteúdo dos Projetos, às práticas pedagógicas, aos horários de aulas, entre outros.

Em 2009, a Coordenadoria das Práticas de Formação realizou uma pesquisa de opinião junto aos docentes e a uma amostra de alunos. O objetivo da pesquisa foi avaliar as Práticas de Formação para desencadear ações para seu contínuo aprimoramento.

O resultado da pesquisa mostrou a necessidade de algumas mudanças. Os alunos, cada vez mais envolvidos com o mundo do trabalho, solicitam a diminuição de créditos obrigatórios de Práticas de Formação, oferecimento de horários alternativos, possibilidade de sempre cursar a atividade de seu maior interesse.

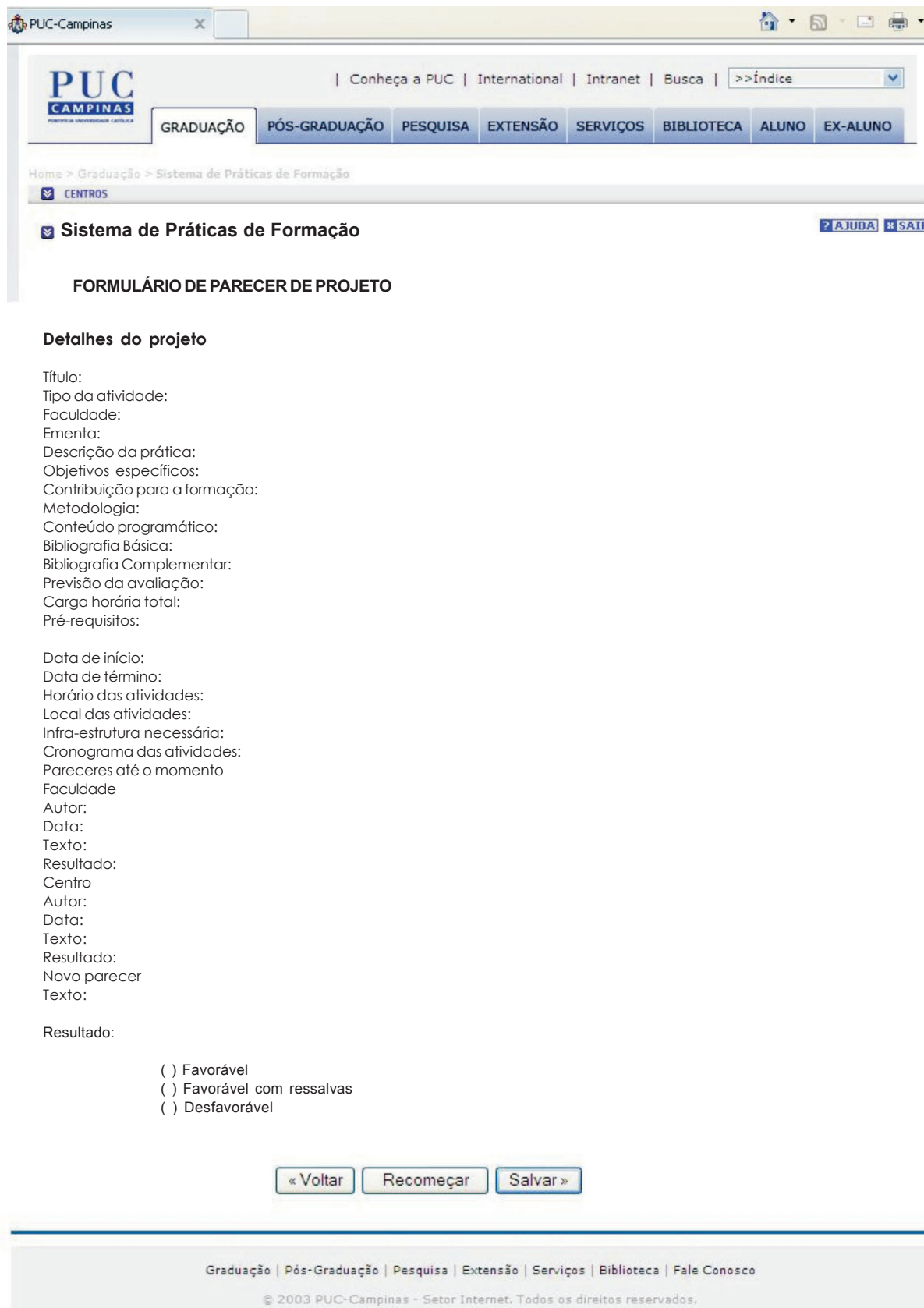
Assim como a pesquisa traz subsídios para a realização de mudanças, o conhecimento do processo operacional das Práticas de Formação possibilita o planejamento de ações para melhoria do cotidiano dos funcionários no ambiente de trabalho, possibilitando maior produtividade e segurança das informações. Muitas atividades que eram realizadas manualmente contam, atualmente, com o apoio do sistema computacional das Práticas de Formação.

No início do Projeto das Práticas de Formação, por exemplo, a avaliação das atividades oferecidas por parte dos alunos era feita em papel. Desde 2003 a avaliação é feita via sistema computacional.

Outro exemplo de melhoria no processo operacional é o fluxo de aprovação de um novo Projeto, que também era feito manualmente. Desde 2003 contamos com um sistema computacional, que envolve um *workflow*, para tais aprovações. O sistema está ilustrado pela Figura 1.

⁴ Para detalhamento do Projeto PAAA ver: Série Acadêmicas edições nº 20, 22 e 23

Figura 1. Sistema Computacional para Aprovação de Projetos de Práticas de Formação



Existem outros recursos computacionais que nos ajudam a tomar algumas decisões operacionais e gerenciais como, por exemplo, os relatórios disponíveis na Intranet e sabemos que ainda existem muitos recursos que podem ser implantados para garantir melhor funcionamento das Práticas de Formação.

4. O Projeto: Atividades Atuais e Planejadas

A Coordenadoria das Práticas de Formação, para execução de suas atividades em 2010, conta com a participação de três funcionárias, uma coordenadora, e o Conselho Consultivo.

Continuamos a caminhar com projetos para a completa implementação do Projeto Institucional, para a articulação com outros projetos da Universidade e para melhoria de seus processos.

Iniciamos, este ano, o trabalho de incentivo para oferecimento de atividades do Módulo III. São atividades específicas relacionadas à área de formação do futuro profissional. Por serem específicas, as atividades são restritas a alguns cursos e/ou Centros e permitem ao aluno o maior aprofundamento em seu conhecimento. A implementação do Módulo III poderá atender um dos desafios que enfrentamos e que foi sinalizado por alunos na pesquisa realizada, que é o maior oferecimento de atividades específicas à área de atuação profissional do aluno.

Outra ação, que iniciamos neste segundo semestre e planejamos finalizá-la em 2011, junto à Coordenadoria de Graduação (COGRAD) é a integração do Módulo III das Práticas de Formação à 3ª Fase do Projeto Acompanhamento Acadêmico do Aluno (PAAA). A articulação entre esses dois Projetos possibilitará melhor atendimento aos alunos e otimização dos recursos e processos envolvidos nos projetos, visto que são viabilizados pela estrutura das Práticas de Formação.

O Projeto Reformulação de Créditos das Práticas de Formação também é um projeto que poderá atender outro desafio que enfrentamos, conforme também sinalizado na pesquisa por parte dos alunos. Este projeto visa reduzir a obrigatoriedade para 8 créditos de Práticas de Formação para cursos de graduação com duração superior a 4 anos. Este Projeto ainda está em fase inicial, em análise pela Coordenadoria das Práticas de Formação e pelo Conselho Consultivo. É um Projeto que implicará em alterações no Projeto Institucional das Práticas de Formação, assim como na Resolução Normativa PUC nº 019/05 e envolverá a participação ativa dos respectivos diretores de Centros e de cursos de graduação.

De acordo com a UNESCO (2008), *“A incorporação da cultura informática representa outro desafio a ser enfrentado pela educação superior... Precisamos, porém, evitar que uma superestimativa das potencialidades que oferecem essas tecnologias seja produzida em detrimento da avaliação do papel do professor. Essas tecnologias precisam sempre ser vistas como ferramentas e recursos de apoio para os professores, e nunca como substituto do professor... Precisamos aproveitar o grande potencial educacional das novas tecnologias.”*

Para enfrentar mais este desafio relacionado ao uso da tecnologia na educação, a Coordenadoria das Práticas de Formação, em parceria com a Coordenação de Ensino a Distância da PUC-Campinas, iniciou um Projeto Piloto para avaliar a possibilidade de oferecimento de atividades a distância, previstas no Projeto Institucional de Práticas de Formação. Planejamos ter informações suficientes ao final de 2011 para avaliação da possibilidade de oferecimento regular de atividades na modalidade semi-presencial.

Além dos Projetos e atividades descritos, atualmente, realizamos diversas atividades para a comemoração dos 10 Anos de Práticas de Formação. Durante a Semana Acadêmica teremos a exibição de um vídeo das Práticas de Formação, uma exposição de trabalhos dos

alunos, de fotos e de pôsteres das Práticas de Formação.

5. Discussão Final

A partir da elaboração de uma proposta em 1999, surgiu o inovador Projeto de Práticas de Formação que contribui para a flexibilização do currículo, para a formação integral dos alunos da PUC-Campinas e também para o desenvolvimento do corpo docente.

A abrangência da evolução do Projeto de Práticas de Formação, ao longo de seus 10 Anos de existência, possibilitou aos docentes atuar em experimentações relacionadas às práticas pedagógicas em diferentes áreas do conhecimento; aos funcionários enriquecer seu conhecimento e atuação profissional; aos alunos construir conhecimento para sua vida profissional e para seus relacionamentos interpessoais, enquanto seres humanos, de acordo com os depoimentos apresentados a seguir:

"O mais significativo para mim, é a possibilidade da convivência com alunos da mais diversas áreas de formação; isso me possibilita uma ampliação profissional no sentido de apreender um pouquinho de como cada um, dentro de sua realidade de formação, olha para o todo. Me fortalece enquanto educadora com uma prática interdisciplinar e me possibilita falar com mais propriedade de uma intenção transdisciplinar na formação."

Profa. Renata Rossi Tavares

"No meu caso, posso assegurar que as trocas de conhecimentos nos debates e seminários com estudantes de áreas diversificadas, como de História, do Direito e da Medicina, em particular trouxeram novas visões sobre o campo do Jornalismo, de seus reflexos sobre o público, contribuindo para reforçar para as próximas etapas o conteúdo teórico, no tocante à projeção das diversas mídias sobre o público, à recepção e a influência dos

veículos. Novos autores estão se agregando à Bibliografia original."

Prof. Luiz Roberto Saviani Rey

"Uma contribuição surpreendente para o docente, uma vez que, existe a oportunidade de ampliar conhecimentos em contato com alunos de diversas áreas e com idéias e conceitos diversos.

O contato com alunos de áreas diferentes da formação do professor gera um relacionamento solidário entre eles onde o professor exercita o ato de ensinar na sua forma mais adequada buscando a compreensão do aluno."

Profa. Neusa Osti

"O docente tem contato com alunos de diferentes cursos, o que pode significar um novo olhar sobre o universo do jovem. Ele tem a oportunidade de experimentar novas posturas didáticas, novos diálogos, diferentes daqueles do seu dia-a-dia em suas disciplinas regulares."

Prof. Paulo Sergio Scarazzato

"... Dessa experiência tenho aprendido a conviver e compreender a complexa realidade das Práticas de Formação. De um lado a sua filosofia, seus objetivos, sua contribuição na formação integral do ser humano, sua abrangência, o oferecimento de novas perspectivas para os graduandos. De outro lado, as dificuldades de um trabalho volumoso que envolve a totalidade dos alunos de graduação, as constantes e necessárias transformações, e muitas vezes, a resistência daqueles que delas, por fim, mais se beneficiam. Os nossos alunos!

Mas, essas duas dimensões me completam, me desafiam e me estimulam, a todo momento, na busca de novas soluções. Assim, novos conhecimentos surgem abrindo caminho para novos saberes. Essa dinâmica das Práticas enriquece sobremaneira todos os que dela participam..."

Elizabeth Cardoso Ceará
Assistente Técnica da Coordenadoria
das Práticas de Formação

"Complementam nosso aprendizado, estimula o estudo. Diferencia nossa formação...Aumenta o ciclo de amizade e desenvolve a interação entre alunos e outros professores."

Karen D. Succi
Aluna do Curso de Ciências Contábeis

"Promovem a interdisciplinaridade, oferecem momentos de lazer aos alunos interessados e desenvolvem diversas habilidades...Acho interessante a vivência que isto traz e a dedicação que os professores tem com alunos dos demais cursos."

Keyler Fábio Martinez de Souza
Aluno do Curso de Direito

"As práticas de formação permitem que o aluno construa uma visão mais abrangente, agregando valores além da sua área de atuação...permite a troca de experiências, conhecimentos ou do próprio exercício de se relacionar e conviver com o diferente."

Mayra Cive
Aluna do Curso de Relações Públicas

"Eu sempre pego prática com professores de outros cursos, é muito interessante, pois conheço visões diferentes sobre os assuntos."

Stela Quirino Salomão
Aluna do Curso de Fisioterapia

"As práticas oferecem a oportunidade de visualizar outras áreas, diferentes da sua formação específica."

Leandro Fernandes
Aluno do Curso de Engenharia Elétrica

Sabemos que enfrentaremos muitos desafios e muita evolução ainda está por vir. Para isso, precisamos da atuação de toda a

Comunidade Universitária para continuarmos a implementação, aprimoramento e articulação deste Projeto Institucional com demais Projetos da Universidade.

"... A educação superior é um fenômeno de alta complexidade, cuja análise exige instrumentos que superem as abordagens puramente economicistas ou parciais, e respeitem a necessidade de manter o equilíbrio entre as necessidades do setor produtivo e da economia, as da sociedade como um todo, e as não menos importantes necessidades do indivíduo como ser humano, tudo considerado dentro de um contexto particular, histórico, social e cultural."

(UNESCO, Conferência Mundial sobre o Ensino Superior, Paris, 1998).

Bibliográficas

Brasil. Lei nº 9.394, de 20/12/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: *Diário Oficial da União*, 23/12/1996, p.27833-27841.

CASTELLS, M. *A Era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo, Paz e Terra, 1999. 3 v.

GIBBONS, M., et al. *The New Production of Knowledge: the dynamic of science and research in contemporary societies*. Londres: Thousand Oaks, Nova Delhi, Sage, 1994.

PUC-Campinas. Práticas de Formação: Uma Contribuição ao Projeto de Formação Integral da PUC-Campinas in **Série Acadêmica**. PUC-Campinas, Pró-Reitoria de Graduação. n. 16.

PUC-Campinas. Resolução Normativa PUC nº 019/05.

UNESCO. *Declaração de Santo Domingo: a ciência para o século XXI; uma visão nova e uma base de ação*, Conferência Mundial sobre Ciências, Santo Domingo, 10-12 mar. 1999. Santo Domingo: UNESCO, 1999.

_____. *Challenges of the university in the knowledge society, five years after the World Conference on Higher Education in the Twenty-first Century: Vision and Action*; Paris; 1998. Paris: **UNESCO**, 1998.



_____. *Conference on Higher Education*. Paris: **UNESCO**, 2003. Série

Documentos Ocasionais de Fórum da UNESCO.

Ventura et alli. Práticas de Formação da PUC-Campinas: Desafios do Aprimoramento Acadêmico in **Série Acadêmica**. PUC-Campinas, Pró-Reitoria de Graduação. n. 22, jan/dez. 2007, 65-73.

“Ensinar e, enquanto ensino, testemunhar aos alunos o quanto me é fundamental respeitá-los e respeitar-me são tarefas que jamais dicotomizei. Nunca me foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor. A boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético.”

Paulo Freire



**Gestão acadêmico-
pedagógica das Práticas
de Formação: memórias,
vivências, experiências**

O CONSELHO CONSULTIVO DAS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO

A Prática de Formação é um projeto único, pois, não se tem informação que outra I.E.S. ofereça os cursos que atenda a sua comunidade discente como é atendido os da PUC-Campinas, representando, no conjunto de suas ações de natureza didático-pedagógica, um elemento de fundamental importância para o aprimoramento de seus cursos de graduação. Atestam seu grande alcance e poder de mobilização das instâncias internas da Universidade, o oferecimento de 10.905 vagas no 1º semestre de 2010, com a participação de aproximadamente 100 docentes de todos os Centros. As especificidades desses Centros e Cursos e a pluralidade das demandas, levaram à necessidade da constituição de uma instância de apoio à Coordenação das Práticas de Formação, ou seja, de um Conselho Consultivo das Práticas de Formação.

Composta por representantes de vários segmentos da Universidade, cabe a esse Conselho compartilhar e discutir, no âmbito de suas competências, as atividades sugeridas ou apresentadas pela Coordenação das Práticas, na busca do aperfeiçoamento contínuo de suas ações.

Mais detalhadamente, o Conselho Consultivo é constituído pelo coordenador das Práticas de Formação, por um representante de cada um dos cinco Centros da PUC-Campinas, por um representante do Departamento da Pastoral Universitária, um do Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente, um

da Pró Reitoria de Graduação, um da Pró Reitoria de Extensão e um de Assuntos Comunitários.

Compete ao Conselho Consultivo das Práticas de Formação:

- a. Assessorar e auxiliar o Coordenador no planejamento semestral referente às Práticas de Formação;
 - b. Auxiliar na implementação das atividades no que se refere ao planejamento, implementação e acompanhamento da operacionalização das Práticas de Formação;
 - c. Acompanhar os processos de implantação das atividades;
 - d. Apresentar sugestões para o desenvolvimento de novas Práticas;
 - e. Proceder a estudos de propostas de reorganização das Práticas de Formação, os quais serão submetidos à aprovação do CONSUN;
 - f. Proceder à análise, avaliação e emissão de pareceres das atividades propostas pela unidade ou órgãos complementares;
 - g. Sugerir alterações dos projetos encaminhados para análise;
 - h. Promover a seleção dos projetos encaminhados pelas unidades.
- O Conselho Consultivo reúne-se periodicamente, convocado pela coordenação das

Práticas de Formação, para analisar e discutir suas ações e demandas, seja nos aspectos organizacionais, seja nas dimensões pedagógicas. Além disso, o Conselho é um espaço de discussão e levantamento de propostas a partir de diferentes interpretações de seus representantes sobre problemas, atividades e demais demandas que a coordenação avalia como necessária, não cabendo a ele tarefas de fiscalização ou deliberação.

Dentre os diferentes assuntos discutidos pelo Conselho Consultivo, nos últimos semestres, destacam-se a avaliação da Resolução

Normativa das Práticas de Formação; a avaliação do próprio projeto de Práticas de Formação, principalmente quanto ao método de pesquisa; a análise da Semana Especial de Práticas de Formação, oferecida primeiramente em 2009 e a I Mostra de Práticas de Formação desenvolvida em 2009.

Ainda, para subsidiar a Coordenação e o Conselho foi criado o Grupo de Trabalho de Práticas de Formação, cuja tarefa foi, até 2009, a de auxiliar tecnicamente nas discussões do Conselho Consultivo.



Práticas de Formação - Oficina de desenho

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOS EX-COORDENADORES DAS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO

Professora Roberta Puccetti¹

Os 10 anos de Práticas de Formação me remetem a uma lembrança repleta de desafios, mudanças e muita ousadia. Tudo era muito novo... Pressupunha mudança de paradigmas que envolvia uma ampliação da concepção de Universidade, no momento importante de reestruturação curricular à qual ela se lançava.

Vivenciamos vários desafios desde a construção de regras, adaptações às realidades acadêmicas, tecnológicas, de infra-estrutura, às estruturas físicas e de recursos humanos, passando pelo oferecimento das Práticas de Formação pelos docentes até a própria aceitação das mesmas pelos docentes e alunos, enfim algo novo, rumo a uma nova cultura universitária.

A experiência de coordenar e ministrar as Práticas de Formação propiciou-me conhecer a Comunidade Universitária de perto, seus interesses, potencialidades e anseios nas diferentes áreas. Esta experiência me mostrou a importância das relações inter e intrapessoais, a interdisciplinaridade e a relação possível entre as áreas de conhecimento e as especificidades de cada uma delas. Ensinou-me outra dimensão de Universidade nas relações entre ensino, pesquisa e extensão.

Agradeço e sinto-me muito privilegiada em ter tido a oportunidade de iniciar, como coordenadora, um projeto inédito e inovador nesta Universidade. Um projeto que contempla as diretrizes da educação nacional propondo uma flexibilização curricular calcada em uma formação mais integral nas áreas técnicas e humanas.

Foi assim que o Projeto Práticas de Formação teve como proposta inicial propiciar aos graduandos uma **formação integral do ser humano**, com uma perspectiva humanístico-cristã, valorizando os aspectos sociais, culturais e religiosos, ultrapassando os muros da segmentação das áreas dos conhecimentos e a oportunizando a vivência de uma vida Universitária.

Fazer parte da história das Práticas de Formação, bem como toda minha trajetória de 24 anos de trabalho na PUC-Campinas, me possibilitou um aprendizado que, sem dúvida, contribui e valorizou a construção da minha vida profissional.

Parabéns a todos que direta e indiretamente fizeram e fazem parte desta HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO.

¹ Mestre e Doutora em Educação – Licenciada em Artes Plásticas – Especialista em Psicopedagogia e Arteterapia, Docente do Curso de Artes Visuais

Professor José Donizeti de Souza²

A Coordenadoria das Práticas de Formação propiciou uma experiência ímpar em minha trajetória de vida profissional, considerando os múltiplos desafios que foram enfrentados durante os anos iniciais de existência do projeto e das inovações introduzidas no currículo e na proposta pedagógica da Universidade.

Eis algumas das demandas interessantes que enfrentamos naquele momento, graças ao empenho e dedicação de uma excelente equipe de trabalho composta pelos funcionários, docentes, sob a assessoria da Pró-Reitoria e dos membros do Comitê de Práticas:

- A diversidade de atividades a serem oferecidas semestralmente, aliada a uma enorme quantidade de turmas, para um contingente grande acadêmico;
 - A busca de muitos espaços físicos da Universidade e de disponibilização de equipamentos e materiais didáticos pedagógicos, em face da enorme diversidade de temas discutidos;
 - A coexistência de docentes da Universidade com professores externos e funcionários formados, colaborando para as implementações e consolidação da proposta;
 - A indicação de funcionários das Secretarias Acadêmicas dos Centros como representantes das Práticas de Formação nas suas unidades, no sentido de favorecer a viabilização das turmas naqueles locais;
- A mudança no perfil das matrículas de Práticas de Formação, por meio da implementação de um Sistema automatizado, possibilitando a indicação, pelos alunos, de temas e turmas de interesse, bem como a inscrição automática dos mesmos, conforme critérios acadêmicos;
 - O processo de inscrição das atividades que passou a ser realizado concomitantemente com a matrícula acadêmica, num processo de valorização das Práticas de Formação como um componente curricular que faz parte da formação do alunado, como todas as disciplinas;
 - A complexidade do projeto, espelho de uma comunidade universitária também multifacetada, dinâmica e em constante mudança, exigiu criatividade contínua e sempre suscitou em mim e na equipe, a força necessária para o alcance do bom resultado nas atividades. Tudo isto me fortaleceu como docente, gestor e profissional da educação, mantendo uma sensação agradável e de contentamento quando me recordo do período de atuação na CPRAFOR.

Assim sendo, parabeno a atual coordenadora pela contribuição inovadora no desenvolvimento do projeto, agradecendo-a por cuidar com carinho de uma proposta pedagógica que aprendemos a amar, por visar a formação integral dos nossos universitários.

² Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, Docente do Curso de Teologia e Ciências Religiosas, Coordenador da Coordenadoria Geral de Atenção à Comunidade Interna (CACI) e do Centro de Cultura e Arte (CCA) – Professor na Faculdade de Educação Curso de Pedagogia

Paulo M.G. Pozzebon³

Recebi com alegria o convite da Coordenadoria das Práticas de Formação para escrever uma nota sobre as Práticas de Formação. Vi logo nessa tarefa a ocasião de quitar duas dívidas: expressar meus agradecimentos à PUC-Campinas, na pessoa de seu Pró-Reitor de Graduação, que designando-me para a Coordenadoria das Práticas de Formação honrou-me com sua confiança e proporcionou-me uma das experiências pedagógicas e administrativas mais enriquecedoras de minha trajetória profissional; em seguida, dividir com a comunidade universitária um pouco do que aprendi nos dois anos (2006-2007) em que atuei nessa Coordenadoria.

Proponho-me, portanto, relatar algumas experiências adquiridas e propor uma linha de reflexão sobre as Práticas de Formação que poderia enunciar como: que poderíamos aprender com as dificuldades vivenciadas desde sua implantação? De pretensão modesta, desculpo-me desde já com o leitor pelo formato pouco acadêmico destas reflexões.

As Práticas de Formação nasceram como projeto no momento em que a PUC-Campinas reestruturou seus cursos de graduação para adequar-se à Lei de Diretrizes e Bases de 1996 e às Diretrizes Curriculares Nacionais que se lhe seguiram. Estas introduziram nos cursos de graduação a figura até então pouco conhecida das Atividades Complementares, componente curricular que o aluno poderia cumprir por meio de atividades livremente escolhidas.

Muitas instituições implantaram tais atividades simplesmente acrescentando uma linha na grade curricular, deixando para depois a discussão do que poderiam ser e, mais tarde, passando para seus alunos a responsabilidade de cumpri-las. A PUC-Campinas percebeu na obrigação de implantá-las a oportunidade de concretizar o espírito de flexibilização curricular

da LDB, bem como de enfrentar o desafio de suscitar no estudante o tão desejado protagonismo de sua formação universitária. Optou, então, pelas Práticas de Formação (PF), entendidas como componente curricular obrigatório, cursado na proporção de um crédito por semestre de duração do respectivo curso de graduação, com base na escolha do estudante dentre um amplo rol de atividades de temáticas e objetivos bastante diversificados.

As PF permitem ao aluno enriquecer seu currículo com temáticas que alargam a formação e lhe abrem novos horizontes e perspectivas. Abrangem temas científicos, de promoção da empregabilidade, atuação em organizações e empresas, espiritualidade, esportes, desenvolvimento pessoal e diversos outros. São ofertadas nas modalidades de minicursos, oficinas, visitas técnicas, ciclos de palestras, prática de esportes e outras, admitida ampla criatividade nesse campo. O modo de organizá-las permite também a interação entre alunos de diferentes cursos, rompendo círculos que tendem a se manter estreitos.

A concepção das PF causou alguma estranheza no início, mas, aos poucos, professores, coordenadores e diretores começaram a se entusiasmar por essa proposta, quase sempre por verem nela a oportunidade de desenvolver conteúdos específicos complementares aos desenvolvidos nos cursos de graduação. Essa primeira impressão, aparentemente facilitadora da aceitação do projeto, continha na verdade a primeira dificuldade. As PF não se propõem a servir de complemento ou de aprofundamento de conteúdo das disciplinas curriculares, pois seu objetivo é oferecer ao aluno outras frentes de formação que dificilmente serão encontradas num curso de graduação, mas que atuam como potencializadores da formação científica, humana e profissional oferecida nesses cursos.

³ Mestre em Filosofia Política pela Unicamp, docente da Faculdade de Filosofia da PUC-Campinas

Considere-se, por exemplo, um aluno da área da saúde: não necessitará ele, em sua vida profissional, de conhecimentos administrativos? As PF, mais que seu curso de origem, podem proporcionar-lhe. Um aluno da área de administração, que planeja tornar-se executivo de grandes empresas, não necessitará de conhecimentos que o auxiliem a conservar a saúde física e mental, pessoal e coletiva, no ambiente corporativo? Quais são as possibilidades reais de seu curso de graduação tratar essa temática? A experiência mostra que a maioria das universidades, ao não oferecer atividades complementares para o aluno, ocasiona muitas vezes a busca de atividades de pequeno valor formativo, cumpridas apenas para atender à exigência legal. Mostra também que a formação complementar necessária será mais tarde buscada pelo aluno em caríssimos cursos adquiridos no mercado. A formação complementar não é, portanto, desnecessária e nem se justifica adiá-la para depois da formatura.

Outras dificuldades apareceram desde a implantação das PF. Até hoje se ouvem queixas a respeito do calendário, que não acompanha o das disciplinas fixas das grades curriculares; queixas a respeito dos horários, situados fora dos turnos letivos equivocadamente considerados exclusivos; temáticas desligadas do foco do currículo, sistemática de avaliação distinta das disciplinas fixa e muitas outras. Essas reclamações refletem simplesmente desinformação e incompreensão do que são as PF e de seus objetivos. Essa incompreensão é observada mesmo quando são oferecidas atividades com temáticas científicas próximas dos currículos. Alunos que já estudaram esses temas, com o mesmo professor, em cargas horárias várias vezes maiores, inscrevem-se nessas atividades apenas por que são relacionadas aos currículos de seus cursos.

Professores também manifestaram graus e modalidades variadas de incompreensão. Desde a recusa liminar de colaborar com o projeto, apresentado propostas e desenvolvendo atividades, mas também a freqüente recusa

de oferecimento de atividades aos sábados, rejeição da sistemática de pagamento, repetição de conteúdos curriculares e outras. A forma eventual e descontínua com que atividades interessantíssimas são ofertadas, em geral devido a variações da carga horária docente, também provoca perdas consideráveis no quadro de atividades disponíveis para o aluno.

Todas essas dificuldades parecem se encontrar num ponto comum: o fato de as PF não acompanharem a estrutura básica tradicional dos cursos de graduação, isto é, disciplinas com 17/19 semanas de duração, que se estendem por todo o semestre, obrigatórias e com forma e conteúdo planejados já na concepção do curso, relacionadas às demais por uma seqüência necessária (muitas vezes tomada como indiscutível) de conteúdos que se exprimem em listas de pré e co-requisitos. Como esta estrutura é tradicionalmente utilizada por todos os cursos de graduação de quase todas as universidades, tem a força do hábito e parece imutável. Modificá-la implica incorrer em suspeitas de falta de qualidade, questionamento da autonomia dos professores e outros monstros igualmente temíveis.

Ora, as PF não se enquadram nessa estrutura e isso ocasiona estranheza e incompreensão de alunos, professores e funcionários técnico-administrativos. A liberdade de escolher a PF a ser cursada, pelo tema, tipo ou horário, causa nos alunos incômodos e reclamações que, paradoxalmente, não se manifestam contra atividades letivas obrigatórias, mesmo quando alocadas aos sábados. A liberdade de propor conteúdos, metodologias inovadoras e objetivos de formação parece menos arriscada a muitos professores quando ocorre nas disciplinas da grade fixa dos currículos. Habitados ao peso da tradicionalíssima estrutura de organização dos cursos e esquecidos das mudanças havidas no alunado e no mundo da cultura, todos tendemos a considerar equivocadamente essa estrutura como a condição indispensável dos trabalhos acadêmicos.

As PF colecionam também inquestionáveis sucessos. Os mais óbvios são aquelas atividades que tiveram elevadíssima procura de estudantes, que viam nelas um pouco de aventura ou trabalho concentrado em períodos curtos. Lembro-me de aulas teóricas e práticas de espeleologia e geologia, ou os ciclos de palestras em que se discutia o olhar do fotógrafo sobre os fenômenos sociais, as oficinas de argila, desenho, fotografia, teatro, comunicação interpessoal, o mergulho na arte em Vila Kostka, a imersão na história brasileira em viagens de muito estudo, as atualizadíssimas palestras sobre saúde, as concorridas práticas esportivas. Merecem também menção de sucesso as PF que enfrentaram temas científicos com profundidade raramente encontrada em disciplinas fixas. Sucessos foram, também, as atividades cujas metodologias contribuíram para o aprimoramento do desempenho docente. Sucessos pedagógicos foram, especialmente, todas as PF que despertaram os alunos para a importância de conhecimentos complementares em sua vida profissional.

Dez anos de experiências se acumularam, em que aprendemos com os erros e os acertos. Como parte de um balanço, indico aqui perspectivas que vislumbro como possibilidades de desenvolvimento das PF, procurando compreender como possíveis vantagens estratégicas justamente as características que têm constituído dificuldades.

A principal causa de estranheza do alunado em relação às PF não poderá ser removida: as PF continuarão contrastando com a forma tradicional de organização dos cursos. A estranheza, entretanto, poderia ser transformada em surpresa, na medida em que o caráter obrigatório das PF fosse utilizado para colocar o aluno em contato com conteúdos cuja importância ainda não percebeu, por meio de metodologias que o motivem e o mobilizem, alinhados com os objetivos de ampliação da formação e de protagonismo. Com efeito, ações organizadas pelos Centros e pelas Faculdades poderiam prover a oferta sistemática de programas de atividades de formação

complementar, que desde logo seriam recomendadas aos estudantes nos próprios cursos de graduação. Planejamento e continuidade poderiam, dessa forma, superar o caráter demasiado ocasional da oferta de PF, resultando em maior proveito desse banco de recursos formativos.

Uma possibilidade enriquecedora e factível, já o comprovam as experiências de alguns docentes, é articular mais intensamente as PF com os programas de extensão, tal como já o fazem alguns docentes, aproveitando a preferência dos alunos por atividades práticas para promover seu contato e envolvimento com trabalhos que, também eles, são importantes recursos de formação humana, profissional e científica.

Outra frente de trabalho comum para os Centros, Faculdades e CPRAFOR, é enfatizar, na comunicação com o aluno, o papel que as PF podem desempenhar na formação profissional, desenvolvendo temas ligados a empregabilidade, funcionamento das organizações, conhecimentos administrativos e econômicos. Temas indispensáveis, mas em geral completamente ausente das grades curriculares, cuja abordagem favorece e ocasiona a desejada reflexão do aluno sobre seu projeto de vida, carreira e sobre a gestão da própria formação.

As PF podem direcionar sua oferta para necessidades prementes e já reconhecidas pelo aluno, como reforço em português, matemática e habilidades comunicativas. Demandas permanentes, como a Iniciação Científica, poderiam encontrar formas alternativas de atendimento em atividades de iniciação à pesquisa.

Em conclusão a este despretensioso relato, destaco que as Práticas de Formação, justamente por possuírem um modo próprio de estruturar-se, que gera freqüente incompreensão de alunos, professores e funcionários técnico-administrativos por não se encaixar imediatamente nas estruturas habituais dos estudos universitários, constituem um espaço distinto, onde o enfrentamento dos desafios

pedagógicos e administrativos da formação universitária requer mais criatividade e, ao mesmo tempo, encontra maior liberdade. Dessa peculiaridade advém muito da riqueza de experiências ali acumuladas, que amiúde

surpreendem alunos e professores. Ouso dizer que as PF são um patrimônio cultural da PUC-Campinas, que merece ser não apenas preservado, mas reconhecido, valorizado e explorado.

Professora Carmem Ventura⁴

Período desafiador e muito rico é como eu posso expressar o que representou para mim a experiência de participar como Coordenadora do projeto de Práticas de Formação.

Com o objetivo de contribuir para a sua consolidação e de aprimorar a dinâmica de oferecimento das atividades a todos os cursos da Universidade, tivemos um período de trabalho intenso, com o envolvimento dos diferentes Centros da Instituição, da PROGRAD e da equipe CPRAFOR.

O fortalecimento da integração e articulação do projeto de Práticas de Formação com os projetos pedagógicos dos cursos, a ampliação do engajamento de docentes, o

apoio e acompanhamento das atividades oferecidas, a ampliação da divulgação deste projeto junto à Comunidade Universitária, bem como a sua avaliação como um todo representaram os eixos norteadores do trabalho realizado.

Certamente esta experiência só foi possível graças à disponibilidade de todas as pessoas envolvidas. A certeza do alcance que o projeto de Práticas de Formação tem em toda Universidade e sua perspectiva inovadora evidenciam a preocupação da PUC-Campinas com a formação cidadã, humanística e integral de seus alunos, e ter podido participar deste trabalho, para mim, significou um aprendizado imenso.



Práticas de Formação - Aprenda a comer corretamente

⁴ Mestre em Psicologia pela PUC-Campinas, Coordenadora do Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente (CIAD) PUC-Campinas e Docente da Faculdade de Psicologia.

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE FUNCIONÁRIAS DAS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO

Daniela Munerato Piccolo Arroyo **Primeira funcionária das Práticas de Formação**

O meu ingresso na PUC-Campinas, no ano 2000, foi também o meu ingresso na Coordenadoria das Práticas de Formação, o que representou um marco divisor de águas em minha vida profissional e pessoal. Fui a primeira funcionária deste projeto e me lembro muito bem do primeiro dia em que a Coordenadora da época entregou uma pequena pilha de documentos para que eu os organizasse, dando início ao fluxo de arquivos e das ações administrativas das Práticas de Formação. Eu ainda não imaginava a dimensão que este começo teria na vida da Universidade e na minha vida.

Os desafios, as dificuldades e os avanços permitiram que eu pudesse ter uma visão mais ampliada e diversificada do que uma instituição de ensino superior poderia proporcionar à sua Comunidade Acadêmica. Acredito muito no potencial do desenvolvimento humano e sempre esperei que uma universidade pudesse oferecer aos seus estudantes oportunidades para ampliar seu escopo de conhecimento acadêmico e de relacionamentos pessoais, mesmo que isto, inicialmente, pareça algo muito difícil de ser realizado.

Neste sentido, vi o crescimento das Práticas de Formação tomando uma forma tão grandiosa, ultrapassando muitas expectativas, exigindo constante empenho e dedicação por parte de todos os envolvidos, inclusive dos estudantes, na busca por novos procedimentos, de adaptação de espaços, de divulgação e

aceitação da proposta, para que esta pudesse ser efetivamente implementada no currículo de todos os cursos.

Esta experiência significou, para mim, uma oportunidade de expansão do meu relacionamento com os demais profissionais envolvidos, revelando a necessidade de haver uma aproximação acirrada entre o pedagógico e o administrativo, que me levou a buscar mais conhecimento de forma que eu pudesse compreender um pouco mais sobre o papel da universidade perante a comunidade acadêmica. Com isto, além de me dedicar às tarefas cotidianas exigidas pela Coordenadoria, lancei-me aos estudos novamente, à Especialização e ao Mestrado, fruto do despertar que esta experiência causou em mim, para novas possibilidades, para a ampliação do olhar para outras áreas.

Aproveito a oportunidade deste relato para agradecer pelo diferencial ao qual me refiro, pois acredito que nenhum coordenador ou funcionário tenha passado pela experiência das Práticas de Formação sem que isto provocasse alguma modificação em sua trajetória de vida, pois esta é também característica deste projeto inovador. Nesta comemoração de 10 anos das Práticas de Formação desejo sucesso à atual equipe, aos professores e aos estudantes envolvidos. Que seja um constante renovar da vida universitária, preparando os novos profissionais aos desafios e diversidades do mundo atual.

Daniela Godoi Romão
Auxiliar de Escritório das Práticas de Formação

Pertencer ao quadro de funcionários da CPRAFOR é um privilégio e ao mesmo tempo um desafio, pois através deste departamento você pode estar em contato com toda a comunidade interna.

Há seis anos tenho acompanhando o desenvolvimento deste projeto, que neste semestre comemora 10 anos de existência, e contribuído para que a cada semestre haja melhorias, procurando sempre estar atenta às necessidades de todos os envolvidos com este Projeto.

Tudo isso só é possível porque temos ao nosso favor o apoio dos outros setores que também acreditam que é possível proporcionar qualidade aos serviços prestados e oferecidos aos nossos alunos.

Elizabeth Cardoso Ceará
Assistente Técnica das Práticas de Formação

Saudades de quando eu cursava, nos anos 70, a Faculdade de Administração desta Universidade. Que pena! À época, não tive a oportunidade de ampliar meus estudos para além do currículo tradicional, com outros conhecimentos como arte, comunicação, informática, esporte, ciência e tantas outras oportunidades oferecidas nesses 10 anos das Práticas de Formação. A PUC inovou com esse projeto. Trouxe em seu bojo uma nova concepção de formação. Mais abrangente, mais rica, mais contemporânea

Como funcionária da Coordenadoria de Práticas de Formação, há 4 anos, também já faço parte dessa história que está completando 10 anos de existência e é fruto do trabalho, do entusiasmo, da criatividade e do compromisso de muita gente que deixou marca na trajetória

Acompanhar a criação de um novo projeto proposto pelos professores, identificar o impacto que este projeto tem para os alunos, no sentido de agregar valores ao seu crescimento pessoal e profissional é perceber que os objetivos estão sendo atingidos, que não é apenas uma obrigatoriedade curricular, mas sim a possibilidade de compartilhar o conhecimento de outras áreas do saber e a experiência dos alunos em sala de aula para que ocorra uma mudança de pensamentos e atitudes.

Enfim, desejo que cada pessoa que faz parte da Puc-Campinas seja como professor, como funcionário ou aluno, aproveite ao máximo tudo que é oferecido no meio acadêmico e que também deixe a sua contribuição que ficará registrada na história dessa Instituição.

desse grande projeto institucional. Criaram-no, fizeram-no florescer, e crescer apesar de todos os desafios e problemas inerentes a qualquer processo educacional.

Dessa experiência tenho aprendido a conviver e compreender a complexa realidade das Práticas de Formação. De um lado a sua filosofia, seus objetivos, sua contribuição na formação integral do ser humano, sua abrangência, o oferecimento de novas perspectivas para os graduandos. De outro lado, as dificuldades de um trabalho volumoso que envolve a totalidade dos alunos de graduação, as constantes e necessárias transformações, e muitas vezes, a resistência daqueles que delas, por fim, mais se beneficiam. Os nossos alunos!

Mas, essas duas dimensões me completam, me desafiam e me estimulam, a

todo momento, na busca de novas soluções. Assim, novos conhecimentos surgem abrindo caminho para novos saberes. Essa dinâmica das Práticas enriquece sobremaneira todos os que dela participam. Não há lugar para a mesmice.

A estrutura que sustenta esse projeto deve refletir os seus objetivos e seus valores.

Os que colaboram com as Práticas devem ter essa consciência.

No ambiente de trabalho, com meus pares, com os alunos, com professores, do burocrático ao pedagógico, uma fala esclarecedora, uma ajuda, provoca sempre um sorriso de satisfação. No cotidiano, procuramos

criar um clima de solidariedade. O cheirinho do café servido pela manhã ao chegar no trabalho, seguido de um bom dia gostoso nos ajuda a encarar os desafios de cada dia. E assim vamos tecendo nosso dia a dia...

Ao final de cada jornada uma fisionomia feliz pela tarefa cumprida e pela convivência fácil e prazerosa, pois o respeito, a união e a cooperação são a base de nossas relações. Um corpo que vai se formando a cada dia e a cada ano com a troca e a contribuição compartilhadas.

A inovação do Projeto de Práticas de Formação nos obrigou e nos obriga a olhar a formação na graduação com outros olhos.

Eliane Cristina de Almeida **Auxiliar de Escritório das Práticas de Formação**

Como funcionária da Coordenadoria de Práticas de Formação há apenas 01 ano, posso dizer como é bom e gratificante trabalhar em um ambiente tão rico em conhecimento e com uma equipe de pessoas responsáveis que atuam nesse importante projeto institucional.



É com orgulho que faço parte dessa Coordenadoria onde fui tão bem recebida. Nesse trabalho, venho explorando e ganhando novos conhecimentos além de enriquecer meu currículo profissional.

Do nascer do Projeto de uma atividade de Práticas de Formação, até a sua aprovação, podemos perceber a ansiedade do professor em levar para a sala de aula sua contribuição

nesse processo educacional. Isso nos estimula a ter responsabilidade e aperfeiçoar cada vez mais os procedimentos organizacionais antes de oferecer a atividade para matrícula.

Ficamos gratificados quando há o reconhecimento, por parte do aluno, do enriquecimento pessoal e curricular ganhos com diferenciados saberes adquiridos com as Práticas de Formação.

Essa vontade de atender cada vez melhor os alunos e professores faz com que nós da CPRAFOR trabalhemos cada vez mais na busca de aperfeiçoamentos que tragam benefícios a todos os envolvidos.



**Práticas de Formação:
parcerias e
experiências de Ensino
e de Aprendizagem**

PRÁTICA DE FORMAÇÃO RESGATE SUA MATEMÁTICA BÁSICA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Alexandre Monteiro da Silva¹

1. Introdução

As atividades de *Práticas de Formação* constituem-se em componente curricular obrigatório de todos os cursos de graduação da PUC-Campinas e são classificadas como atividades complementares e/ou suplementares, visando promover a formação humanística e integral do acadêmico, contribuir para a viabilização de projetos educacionais diferenciados, promover a integração dos alunos dos diferentes cursos de graduação e promover atividades diversificadas que possibilitem um bom balanceamento entre a teoria e a prática.

Uma preocupação natural na elaboração do plano de disciplina da prática de formação *Resgate sua Matemática Básica* foi primeiramente decidir quais seriam as competências e habilidades a serem desenvolvidas que seriam contempladas como objetivos específicos. Logicamente que as turmas de Prática de Formação, de um modo geral, são formadas por alunos de diferentes cursos de graduação, das diferentes áreas, portanto pareceu razoável considerar as

seguintes competências que, no fundo, já são competências previstas nas diretrizes curriculares de alguns cursos de graduação:

- Capacitar o aluno a analisar, sintetizar, criticar, construir hipóteses dentro do contexto da prática de formação;
- Capacitar o aluno a compreender e usar corretamente as diferentes técnicas e métodos de resolução de problemas;
- Relacionar o conteúdo da disciplina com temas contextualizados e atuais problematizados em forma de situações problema;
- Capacitar o aluno a trabalhar em equipes e administrar conflitos;

Considerou-se também como objetivo nesta prática de formação o resgate de conceitos matemáticos fundamentais abordados no ensino fundamental e principalmente no ensino médio, oferecendo subsídios para as disciplinas dos períodos seguintes e, ao mesmo tempo, objetivando a aplicação destes conceitos.

¹ Mestre em Matemática Aplicada, Docente do Curso de Matemática e Membro da Equipe de Estudos, Avaliação e Planejamento (EEAP) do Centro de Ciências Exatas, Ambientais de Tecnologias

O critério de avaliação da Prática de Formação *Resgate sua Matemática Básica* considerou como exigência mínima para aprovação a entrega de pelo menos 70% das listas de exercícios e trabalhos solicitados.

As aulas da prática de formação *Resgate sua Matemática Básica* consistiram de aulas expositivas e do desenvolvimento de atividades em equipes. Estas atividades eram compostas por um conjunto de problemas cujas soluções matemáticas exigiam o amadurecimento de alguns conceitos e técnicas abordadas em aulas anteriores e algumas competências tais como identificar, construir hipóteses, administrar conflitos e estabelecer relações. O professor atuou como mediador, auxiliando os alunos a buscarem as respostas dos problemas. No último dia de aula houve a oficina de Práticas de Formação, em que alunos matriculados em outras Práticas de Formação poderiam participar da oficina. Nesta oficina houve a implementação de atividades em grupos, onde as atividades propostas envolveram a resolução de problemas semelhantes aos problemas abordados ao longo do curso.

2. Descrição das Atividades da Prática de Formação *Resgate sua Matemática Básica*.

As primeiras aulas da prática de formação *Resgate sua Matemática Básica* consistiram de aulas expositivas que cobriram assuntos de matemática básica e abordagem de questões envolvendo aspectos fundamentais de propriedades de números e regras aritméticas e algébricas referente ao ensino fundamental, como por exemplo:

- Conjuntos numéricos.
- Operações com frações.
- Propriedades de potenciação e radiciação dos números reais.
- Uso da linguagem algébrica.

- Transformação de afirmações verbais em expressões algébricas.
- Tradução de afirmações verbais em equações.
- Resolução de equações simples pelo uso de operações inversas.
- Resolução de equações de primeiro grau.
- Resolução de equações envolvendo frações
- Polinômios e suas operações.

À medida em que os assuntos eram desenvolvidos e os exercícios eram resolvidos pelos alunos, o professor procurava intercalar atividades de cunho exploratório e atividades de resolução de problemas, onde eram formados grupos de quatro ou cinco alunos. Nestas atividades em grupo, o professor propunha um problema, ou uma situação-problema para os alunos. Os alunos interagiam trocando idéias e experiências em um processo colaborativo, sob a mediação do professor, para depois compartilharem as soluções obtidas dos problemas propostos com os colegas de demais grupos.

As atividades exploraram questões que abordaram situações-problema, interpretação de textos e resolução de problemas sempre objetivando o desenvolvimento da clareza, da coerência e estratégias argumentativas. Para cobrir também temas previstos nas diretrizes curriculares do ENADE, que dizem respeito à formação geral do aluno, houve uma preocupação em formular questões que contemplassem temas como sociodiversidade, biodiversidade e problemáticas contemporâneas em geral.

De fato, para cumprir com cronograma previsto de atividades atendendo às 17 horas, o professor concentrou as atividades em grupo em quatro principais temas da matemática básica: a aritmética, a álgebra, a teoria de conjuntos e funções matemáticas. Apresentaremos uma breve descrição e um breve relato de duas atividades que foram bem repercutidas entre os alunos.

2.1 Uma Atividade de Aritmética desenvolvida na Prática de Formação

Vários problemas de aritmética foram considerados nesta Prática de Formação, mas para as atividades em grupo foram selecionados problemas especialmente interessantes que exploravam competências tais como a organização do pensamento matemático, identificação e construção de hipóteses e a capacidade de relacionar conceitos e propriedades. A seguir, apresentamos um problema colocado em uma das atividades propostas em uma dinâmica em grupo:

“Um ônibus transporta 31 estudantes, baianos e mineiros, para um encontro de participantes de um torneio de futebol. Entre os baianos, 2/5 são homens, entre os mineiros, 3/7 são mulheres. Entre todos os estudantes quantas são as mulheres.”

De fato, num primeiro momento foi solicitado aos alunos que identificassem as variáveis envolvidas no problema, grifando no texto as palavras que diziam respeito às variáveis envolvidas. Neste processo de identificação das variáveis, os alunos notaram a existência de classes e que as variáveis, no fundo, eram representantes destas classes. Uma classe é representada matematicamente por um conjunto onde cada elemento possui o atributo ou propriedade que caracteriza aquela classe.

Por exemplo, os estudantes que eram transportados pelo ônibus é uma classe. Dentro desta classe ainda existem: a classe dos estudantes que são baianos e a classe dos estudantes que são mineiros. Cada uma destas classes, por sua vez, contém as classes de estudantes mulheres e de estudantes homens.

Percebendo no texto a existência de classes, os alunos perceberam a necessidade de utilizar a técnica de organização da situação utilizando a linguagem de conjuntos.

Uma característica interessante e particular destas classes é que elas são classes

disjuntas, ou seja, não possuem elementos em comum. Obviamente não pode existir um estudante que é baiano e mineiro ao mesmo tempo. E nem um estudante que possua ambos os sexos. Portanto o primeiro passo na resolução deste problema foi o desenho dos diagramas representando as classes envolvidas, como podemos observar na Figura 1.

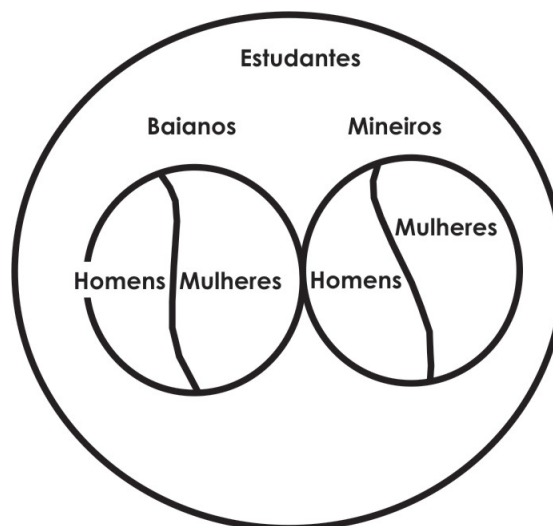


Figura 1. Representação de cada classe de estudantes pelo Diagrama de Venn.

O desenho através de diagramas é um procedimento que deve anteceder qualquer cálculo. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil 1998) – PCN de Matemática, o pensamento matemático desenvolve-se inicialmente pela visualização.

A visualização é considerada como um processo de formação de imagens, usada com a finalidade de obter um melhor entendimento matemático da situação problema e estimular o processo da descoberta matemática.

Foi solicitado a cada grupo que um representante mostrasse e explicasse a configuração final dos diagramas de Venn obtida. As idéias e os argumentos foram compartilhados coletivamente à medida em que surgiam.

O segundo passo na resolução do problema, diz respeito à identificação das hipóteses.

O processo de identificação das hipóteses já é um passo inicial na organização e no uso da linguagem matemática. De fato cada classe é caracterizada por elementos que possuem mesmo atributo. Ou seja, podemos pensar em uma variável representando elementos de uma classe. As variáveis, na linguagem matemática, são representadas por letras minúsculas. Cada grupo ficou responsável por relacionar todas as variáveis envolvidas nas classes principais.

Um padrão de respostas que se observou foi:

t = número total de estudantes.

x = número total de estudantes baianos.

y = número total de estudantes mineiros.

De fato as variáveis são utilizadas para representar quantidades. Desta maneira os alunos deveriam atribuir os valores numéricos, que apareciam no enunciado do problema, às variáveis.

A partir do enunciado, tem-se que o número total de estudantes é igual ao número de estudantes baianos somado com o número de estudantes mineiros. Matematicamente tem-se que:

$$t = x + y;$$

O próximo passo, diz respeito à identificação e construção de hipóteses. Os alunos foram orientados a escrever, na forma de itens, cada uma das hipóteses que possivelmente envolvessem as variáveis do problema. Conforme podemos observar abaixo:

- número total de estudantes: $t = 31$;
- $2/5$ dos baianos são homens.
- $3/7$ dos mineiros são mulheres.

Algumas hipóteses estão implícitas no enunciado. Por exemplo, quando é mencionado no texto a informação de que $2/5$ dos baianos são homens. O aluno precisava notar primeiramente que a quantidade de baianos deveria ser representada por um número inteiro positivo, e também que a quantidade de mineiros deveria ser representada por um número inteiro positivo. Para que esta exigência fosse cumprida, a hipótese de que $2/5$ dos baianos são homens e a hipótese de que $3/7$ dos mineiros são mulheres deveriam ser usadas. Mas afinal, quem são estes números inteiros e como usar estas hipóteses ?

Foi solicitado a cada grupo que escrevesse uma frase que justificasse a necessidade de se usar as hipóteses para se determinar a quantidade de mineiros e baianos.

Apenas dois grupos exibiram uma resposta aceitável. Uma razão que talvez explique este fato é que ao utilizar a hipótese de que $2/5$ dos baianos são homens, o aluno precisaria recorrer a uma propriedade elementar dos números naturais, ou seja, como a quantidade de baianos que são homens deve ser um número inteiro, isto significa que o número de baianos precisa necessariamente ser um número múltiplo de 5.

Similarmente, ao usar a hipótese de que $3/7$ dos mineiros são mulheres, o aluno deveria concluir que o número de mineiros deveria ser múltiplo de 7. Observamos que os alunos apresentaram dificuldades em identificar hipóteses que não estão explícitas no enunciado do problema.

Como o número total de estudantes não pode superar o número total de estudantes igual a 31, então foi solicitado aos alunos que produzissem uma tabela com duas colunas, em que a primeira coluna, representando o número de baianos, tivesse números menores do que 31 e divisíveis por cinco e a segunda coluna, representando o número de mineiros, tivesse números menores do que 31 e divisíveis por 7, como pode ser observado na Tabela 1.

Baianos	Mineiros
5	7
10	14
15	21
20	28
25	
30	

Tabela 1. Possibilidades de estudantes baianos e estudantes mineiros.

Foi pedido para os alunos que fizessem a correspondência correta entre o número da primeira coluna e o número da segunda coluna de modo que a soma dos dois números fosse igual a 31.

Os alunos foram orientados pelo professor a não testarem todas as possibilidades, porque de fato era possível usar propriedades de números primos que determinariam a escolha da combinação correta de modo mais rápido.

Foi solicitado a cada grupo que dispendesse no máximo 5 minutos para pensar em qual estratégia simplificadora deveria ser adotada.

Não houve uma resposta aceitável para esta pergunta, então o professor, como mediador “lançou” uma dica. Para que pensassem sobre a propriedade de paridade de números.

Então, desta forma, os alunos naturalmente a partir desta dica, concluíram que o número 31 só poderia ser escrito como uma soma de um número par com um número ímpar, visto que o número 31, sendo um número primo, não poderia ser divisível por 2.

Sem grandes dificuldades os alunos concluíram que a única escolha possível era considerar o número 31 como soma do número 10 com o número 21.

Então o número total de estudantes baianos é igual a 10, ou seja, $x=10$. O número

total de estudantes mineiros é igual a 21, ou seja, $y=21$.

Para determinar a quantidade total de mulheres, os alunos deveriam recorrer as hipóteses. Sem dificuldades, cada grupo produziu as contas:

$$\begin{aligned} \text{número de mulheres} &= (3/5) \times x + (3/7) \times y; \\ &= (3/5) \times 10 + (3/7) \times 21; \\ &= 6 + 9; \\ &= 15; \end{aligned}$$

Ou seja, o total de mulheres estudantes é igual a 15.

Percebemos que a resolução deste problema de aritmética exigiu que os alunos desenvolvessem competências tais como formular e identificar hipóteses, inclusive hipóteses que estavam implícitas no problema e que diziam respeito essencialmente às propriedades aritméticas de números e de números primos. Desenvolveram habilidades de fazer contas envolvendo frações e trabalho em equipe.

Este tipo de atividade em grupo possibilitou que os alunos explorassem o conteúdo de forma colaborativa compartilhando idéias, levantando incertezas, que naturalmente incentivaram a busca por novas compreensões.

2.2 Uma Atividade sobre Funções Matemáticas desenvolvida na Prática de Formação

O tema de funções é especialmente importante quando olhamos este assunto como subsídio para as disciplinas de cálculo dos diferentes períodos de cursos de graduação. De fato, nesta prática de formação, procurou-se caracterizar o conceito de função essencialmente como uma relação de dependência entre variáveis. Explorou-se as diversas formas

de representação de uma função, tais como o gráfico, a tabela e as fórmulas matemáticas. Um enfoque especial foi dado à modelagem de problemas de otimização e problemas de economia através de funções.

Um problema que foi atribuído em uma das atividades em grupo considerou a seguinte situação:

“ Um fazendeiro tem 2400 metros de cerca para cercar um campo retangular aproveitando a margem de um rio como um dos lados (o qual não receberá cerca). Ele deseja resolver este problema matematicamente e quer saber qual é a expressão matemática da área do cercado em função de apenas um de seus lados?

Num primeiro momento, foi solicitado a cada grupo que grifassem no texto do enunciado as palavras que representavam as variáveis envolvidas no problema.

De fato nota-se que este passo é preponderante para o prosseguimento na resolução do problema e muitos alunos apresentam dificuldades em identificar quais são as variáveis do problema. No fundo, o que o aluno precisa fazer é uma tradução da linguagem verbal para a linguagem algébrica.

Percebendo que alguns grupos apresentavam dificuldades na execução desta tarefa, o professor pediu para que os alunos fizessem um desenho da situação, em outras palavras, desenhassem o cercado e o rio, tal como é exibido na Figura 2.

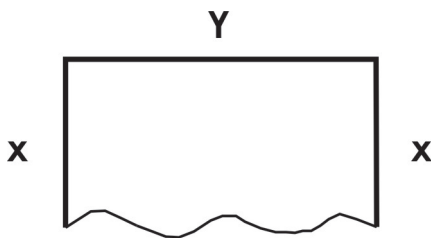


Figura 2. Representação do cercado e do rio envolvidos no problema

Os alunos notaram que a partir do desenho as variáveis do problema apareciam naturalmente:

- x - um lado do cercado
- outro lado do cercado
- área do cercado

Na verdade estas variáveis dizem respeito aos lados do cercado e a área do cercado, que dependem fundamentalmente das medidas dos lados do cercado. Os alunos, de um modo geral, consideraram a letra A para representar a variável área.

De fato o desenho torna as idéias elucidativas sobre o que acontece no problema. Pergunta-se qual é a expressão matemática da área do cercado em função de apenas um de seus lados?

Após o passo de identificação das variáveis envolvidas no problema, os alunos tiveram que identificar no texto quais eram as hipóteses. Cada grupo se responsabilizou por produzir uma lista contendo cada hipótese na forma de itens:

1. O cercado é retangular.
2. O comprimento da cerca é igual a 2400 metros.
3. Uma hipótese implícita no problema é a fórmula da área de um retângulo:

$$A = x \cdot y;$$

Ao acompanhar a discussão dos alunos grupo a grupo, o professor notava que as idéias e os argumentos eram compartilhados coletivamente no processo de levantamento de hipóteses.

Com as hipóteses estabelecidas, os alunos partiram para a resolução do problema, ou seja, se concentraram no problema de

encontrar a área A em função de apenas um dos lados do cercado. A exigência de relacionar a variável A com uma variável lado simplesmente fez com que os alunos recorressem a hipótese do comprimento da cerca.

Basicamente os alunos perceberam que precisavam isolar a variável y na equação da hipótese do comprimento da cerca em função da variável x e finalmente substituir o resultado na fórmula da área exibida na hipótese 3 chegando no resultado:

$$A(x) = x \cdot (2400 - 2x).$$

Ou seja, além de desenvolver a habilidade de identificar e construir hipóteses, os alunos desenvolveram a habilidade de manipular equações algebricamente e estabelecer relações entre hipóteses.

A partir da resolução deste problema, abriu-se um caminho natural para a problematização por meio das seguintes perguntas:

- Qual é o intervalo de variação da medida de tal lado?
- Quais devem ser as medidas dos lados do cercado para que a área seja máxima?
- Se a margem do rio fosse cercada, você acredita que haveria mudanças significativas nas medidas dos lados do cercado de modo que a área fosse máxima ?

Os grupos discutiram estas perguntas propuseram soluções e elas foram compartilhadas com todos os grupos.

3. Conclusão

A prática de formação *Resgate sua Matemática Básica* além de cumprir com o

papel de resgatar os conceitos matemáticos fundamentais abordados no ensino fundamental e no ensino médio, objetivando a consolidação e a aplicação destes conceitos, de fato ela constitui um espaço para que o docente reveja seu papel, adotando em alguns momentos do curso certas metodologias que possibilitem a integração dos alunos de diferentes cursos de graduação e o trabalho coletivo dos alunos na resolução de problemas.

O trabalho colaborativo em grupo de alunos demonstrou-se muito interessante pois linhas distintas de raciocínio surgiam e algumas delas se complementavam. A possibilidade de ouvir os alunos explicarem suas idéias, apresentarem verbalmente e por escrito suas soluções às atividades propostas, permitiu que eles se posicionassem livremente em um ambiente de produção colaborativa de significados.

A implementação da oficina no último dia de aula, possibilitou maior interação entre os alunos, pois alunos de outras Práticas de Formação puderam participar da oficina e serem auxiliados pelos alunos já matriculados na prática de formação *Resgate sua Matemática Básica*. Uma característica interessante que foi observada é que por conta das atividades em grupo, alunos dos cursos de engenharia que em geral se apresentavam mais introspectivos no começo do curso, no final já apresentavam uma diminuição da timidez, conversavam e compartilhavam idéias com alunos de outros cursos de graduação.

Espera-se futuramente na disciplina de Práticas de Formação *Resgate sua Matemática* abordar problemas relacionados a processos importantes na sociedade e explorar outras metodologias, tais como seminários de textos, para despertar o interesse dos participantes para determinado assunto e também para que o aluno repense sua atuação nos processos de ensino e aprendizagem visto que é necessário gerenciar o tempo de uma atividade e administrar conflitos.

4. REFERÊNCIAS

BORBA, M.C.; VILLARREAL, M.E. **Humans-with-Media and the Reorganization of Mathematical Thinking: Information and Communication Technologies, Modeling, Visualization and Experimentation**. New York: Springer, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria Fundamental de Educação.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Brasília:MEC/SEF,1998

FIORENTINI, D. **Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente?** In Pesquisa qualitativa em Educação Matemática. Ed. Autêntica, p-49-78. Belo Horizonte, 2006.

SKOVSMOSE, O. **Educação Matemática Crítica – A Questão da Democracia**. 4ª ed, Papirus, 2008.



Práticas de Formação - Identidade sócio-político-cultural-Brasil-República-Rio

PRÁTICA DE FORMAÇÃO AS MÚLTIPLAS FACES DA FOTOGRAFIA

Amarildo Carnicel¹

Celso Luiz Figueiredo Bodstein²

Nelson Sebastião Chinaglia³

Arte, documento, denúncia, relato, verdade, mentira, sentimento, realidade, representação da realidade, encenação, prova, história, memória... Também pode ser fruto de um olhar ingênuo ou crítico, asséptico ou contaminado, descompromissado ou pretensioso. Essas são algumas das definições ou interpretações manifestadas pelos alunos de graduação dos mais variados cursos da PUC-Campinas que se dispõem a passar dois longos e consecutivos sábados assistindo à Prática de Formação intitulada "As múltiplas faces da fotografia". Ministradas pelos professores da Faculdade de Jornalismo, Amarildo Carnicel, Celso Bodstein e Nelson Chinaglia, as palestras já reuniram em quatro anos de atividades mais de cinco mil alunos.

Trata-se de uma proposta de trabalho que pretende, por meio de um ciclo de palestras, oferecer aos alunos das mais diferentes áreas do conhecimento elementos para a percepção e compreensão da fotografia numa visão transdisciplinar, mostrando seu modo de concepção, de produção, de recepção e sua influência no cotidiano, não apenas de quem a produz, como também das pessoas para quem essas imagens são elaboradas. A iniciativa visa, por meio de palestras ilustradas e de apresen-

tações de filmes, possibilitar ao aluno a oportunidade de se inserir no universo da fotografia de maneira diferente, estimulando a 'leitura' que vai além do quadrilátero na imagem fixa e alertar, sobretudo, para a observação do caráter polissêmico presente na imagem fotográfica.

Em *Imagem: Cognição, Semiótica e Mídia*, (Iluminuras, 1977) Santaella e Nöth afirmam que muito antes do aparecimento do registro da palavra escrita, a imagem já se configurava como meio de expressão da cultura humana. Segundo esses autores, as imagens se dividem em dois domínios: o imaterial e o da representação visual, onde figura, entre outros tipos de imagem, a fotográfica. É nesse amplo e plural universo da fotografia cada vez mais presente na sociedade moderna que esse trabalho é concebido. Embora os docentes responsáveis pelas palestras tenham o jornalismo na origem de sua formação, o conhecimento no campo da fotografia ganha nova dimensão a partir de suas opções nos cursos de pós-graduação não apenas em Jornalismo. Transitaram, também, por áreas como Multimeios e Educação, setores em que obtiveram títulos de mestres e doutores. Desse modo, quando da concepção de "As múltiplas

¹ Doutor em Educação pela UNICAMP e Mestre em Multimeios pela UNICAMP, Docente do Curso de Jornalismo

² Doutor em Multimeios, Mídia e Comunicação pela Unicamp, professor na Faculdade de Jornalismo da Puc-Campinas

³ Mestre em Comunicação e Mercado pela Fundação Casper Li-bero, Professor da disciplina Fotojornalismo da Puc-Campinas, Pesquisador do GEMEF-CMU Unicamp

faces da fotografia”, houve a preocupação de formatar um curso que fosse além do campo de ação do jornalismo, embora não desprezasse essa área – afinal, a sociedade moderna tem diariamente alguma relação com a mídia quando tem acesso a conteúdos veiculados em jornais, rádio, TV ou internet. O trabalho é pensado com o propósito inserir a fotografia no universo da literatura, das artes, do cotidiano, da contemporaneidade, da epistolografia, do fotojornalismo, enfim, nos diferentes campos de ação das ciências humanas.

A FOTOGRAFIA EM MÓDULOS

Concebido em quatro módulos distribuídos em dois sábados, o ciclo de palestras é composto por reflexões elaboradas pelos proponentes a partir de produções fotográficas de terceiros e de produções autorais (fotografam e analisam as próprias fotos). Reflexões produzidas durante os trabalhos de mestrado, de doutorado, em momentos de puro diletantismo e relatadas posteriormente em seminários e congressos de diversas áreas do conhecimento integram o conteúdo das palestras. Os trabalhos apresentados propõem aos alunos espaço para a interatividade, o que permite diferentes maneiras de expressões e de interpretações a partir da bagagem cultural individual. Todas as palestras são mescladas com exhibições de documentários ou trechos de filme de ficção que fazem da fotografia a razão da produção cinematográfica.

O coordenador desse ciclo de palestras, Amarildo Carnicel, é responsável por dois módulos. Na abertura do primeiro módulo, a fotografia transita pelo universo da literatura. Baseado no livro de sua autoria, *O Fotógrafo Mário de Andrade* (Editora da Unicamp, 1994), ele apresenta o trabalho “De carona com Mario de Andrade: um passeio pelo país e pelo mundo por meio das cartas e fotos de um turista aprendiz”. Carnicel retoma seu trabalho de mestrado ao relatar a importância da foto e da carta na vida e na obra do escritor modernista. Permite ao aluno realizar uma viagem ao Nordeste em dois momentos distintos: no final dos anos 20 e no final dos anos 80, mostrando e discutindo por meios de fotos produzidas por

Mário de Andrade em 1928-29 e por Carnicel, 60 anos depois, permanências e transformações registradas no período. Tomando como ponto de partida o diário publicado por Mário no livro *O Turista Aprendiz* (Duas Cidades, 1976) e 260 fotografias produzidas por ele na viagem empreendida na virada dos anos 1928-1929 que estão sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), Carnicel percorre mais de dez mil quilômetros pelos estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e refotografa lugares e pessoas. O trabalho, entre outras possibilidades, além de revelar uma faceta praticamente desconhecida de Mário de Andrade – a de fotógrafo – mostra aos alunos de Práticas que é possível fazer um trabalho denso, unindo o rigor acadêmico que requer uma pesquisa de pós-graduação com o prazer de fazer uma incursão pelo sertão, pelo agreste e pelo litoral nordestino. Visitar os antigos engenhos, igrejas e capelas seculares é retornar a um Brasil descrito e ilustrado com propriedade nas páginas de grandes escritores da literatura nacional.



Fig. 1. Catedral de Olinda fotografada por Mário de Andrade em fevereiro 1929



Fig. 2. Catedral de Olinda fotografada por Amarildo Carnicel de, dezembro de 1989

Ainda no mesmo módulo, a fotografia como instrumento de transformação social, pauta a discussão a partir da exibição do documentário *Nascidos em Bordéis* (EUA/Índia, 2005). O filme mostra a fotografia, por mais ingênua que possa parecer, como instrumento de registro da invisibilidade humana. Apresenta fatos reais vividos por crianças (filhas de prostitutas) do bairro Luz Vermelha, em Calcutá, na Índia.

Carnicel abre o segundo módulo mostrando a presença da fotografia no cotidiano. Apresenta o trabalho “Fotografia e inquietação: uma leitura da imagem a partir da relação fotógrafo-fotografado” (*Revista Resgate*, 2002). Trata-se de uma análise realizada durante a pesquisa de doutorado realizada junto à Faculdade de Educação da Unicamp quando o autor, a partir da produção de 250 fotografias registradas nos bairros Cambui e Vila Industrial, em Campinas, propõe a análise de cinco fotos. A escolha dessas imagens se dá mais pelo *making-of* do que por aquilo que mostram efetivamente. São imagens que provocam, como anuncia o nome do trabalho, certa dose de inquietação. Convidam a uma leitura mais atenta, mais profunda, uma espécie de trabalho arqueológico e que, para compreendê-las, são, inicialmente classificadas em cinco categorias: ‘foto negociada’, ‘foto consentida’, ‘foto não-consentida’, ‘foto predatória’ e ‘foto denúncia’. Nessa exposição a participação dos alunos de Práticas alimenta todo o processo. As imagens são exibidas no telão e os alunos, numa primeira observação, informam aquilo que enxergam. À medida que

o diálogo se intensifica, novos elementos vão ‘brotando’ da imagem. A cada fotografia apresentada, os estudantes tornam-se interlocutores mais soltos e mais atentos, e apontam elementos jamais observados pelo próprio autor das fotos.

A título de ilustração para este trabalho, duas fotos são apresentadas: a “foto predatória” (FIG. 3) e a “foto denúncia” (FIG. 4). São imagens colhidas na Vila Industrial e que devem ser analisadas em conjunto. Em ambos os casos não foi necessário pedir licença ou o consentimento aos fotografados por uma razão bastante simples: ambos dormiam. Portanto, o autor age com total liberdade para fabricar a imagem. Podia aproximar-se, buscar diferentes angulações e, até deformar, sem ser importunado por eles, sem sofrer censura, questionamento ou ser intimidado pelo olhar do fotografado que poderia ter sido desferido para a objetiva do fotógrafo.



Fig. 3. “Foto predatória”: Homem dorme na praça do Teatro Castro Mendes



Fig. 4. “Foto denúncia”: Indigente dorme no túnel de pedestre da antiga FEPASA

Vale destacar também que no presente trabalho, embora não tivesse em sua essência um caráter subversivo, as imagens acabam por passar essa conotação. Com a câmara nas mãos, no momento de captação das imagens, Carnicel procura ter o discernimento entre a foto-documento (proposta do projeto, quando afirma “isto foi”, “isto aconteceu”) e a fotografia subversiva, conforme assinala Barthes (1984 – p. 62) “No fundo, a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa”. Vai além quando afirma que “a foto é perigosa. É dotada de funções como informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade” (idem – pp. 48-49). Fazendo uma leitura mais atenta, em parceria com os alunos, percebe-se que o autor, na tentativa de documentar o real, torna-se, guardadas as proporções, um agressor, um agente que denuncia as manchas, as máculas da sociedade. Como meio de expressão, essas imagens “transcendem a função documental e passam a despertar consciências.” (CARNICEL: 1993 p. 143). São fotos que falam demais, fazem refletir, provocam incômodo, sugerem um sentido. Essas qualidades das fotos apresentadas são facilmente percebidas pelos alunos e as reações revelam a relação que têm com os cursos que optaram para sua formação: para os futuros advogados, há uma questão ética que não foi respeitada; para os futuros psicólogos, as fotos revelam um desprezo e uma exibição desumana do elemento fotografado; para os futuros jornalistas, é uma maneira de denunciar a ineficácia do Estado em relação à pobreza e à mendicância. O debate está criado e a polissemia da fotografia e a multiplicidade de interpretações, jamais percebidas por eles, finalmente, detectadas.

O segundo módulo é encerrado tendo a fotografia como mote de intervenção e de omissão. Essa discussão se dá a partir da projeção de duas produções cinematográficas de ficção: um curta-metragem e trechos de um longa. Discute a relação de proximidade e distanciamento que deve ser pensada pelo fotógrafo de guerra a partir da apresentação do curta “Jonathan”, em *Crianças Invisíveis*

(EUA, 2005), e do longa-metragem *Sob Fogo Cerrado* (EUA, 1983). No primeiro caso, o fotógrafo começa a ter alucinações quando se dá conta de que, diante das atrocidades da guerra, nada fez para salvar vidas. Cumpru seu papel: fez seus registros e para isso foi devidamente remunerado. No segundo caso, o fotógrafo torna-se um personagem da trama, forja imagens e muda o destino de uma nação. Ambos os filmes mostram a figura do fotógrafo de guerra diante do eterno conflito: assistir e simplesmente registrar os fatos ou assistir e intervir na ação, abrindo mão da neutralidade e da isenção jornalística. A diferente reação dos fotógrafos é analisada pelos alunos ao final das atividades quando devem escrever, de modo opinativo, sobre o conflito pessoal apresentado.

O prof. Nelson Chinalia abre o terceiro módulo com o trabalho “Fotojornalismo: a manipulação visual da notícia”. Trata-se de um recorte que faz a partir de sua dissertação de mestrado defendida na Fundação Cásper Líbero, em São Paulo. O autor, que também é fotógrafo, apresenta elementos da história da fotografia, analisa o papel do repórter fotográfico diante da nova configuração dos produtos jornalísticos impressos e expõe uma nova realidade na qual o mais importante não é o fato, mas a sua representação, sua plasticidade, muitas vezes em detrimento da informação.

Chinalia lembra que nos tempos atuais, a imagem fotográfica na informação jornalística transcende o próprio fato. Pela efemeridade da informação o leitor só recebe a imagem daquilo que já é passado. O fato, por mais relevante que seja, chega ao leitor como o recorte dado pelo jornalista da imagem que presenciou o acontecimento e dele selecionou um momento que comumente se chama de posteridade, que na tradução do *Dicionário Aurélio* diz: “Para sempre, para o futuro, guardar para lembrar muito tempo depois”. Ou seja, o leitor só recebe no dia seguinte algo visto, registrado e editado a partir de critérios jornalísticos estabelecidos por uma empresa jornalística. Entender os fatos a partir de uma ideologia, de uma linha editorial é, muitas vezes, difícil para quem não é

jornalista, ou está ligado ao mundo das comunicações.

Quando inicia a exposição no ciclo de palestras, Chinalia apresenta uma fotografia de 1974 onde se vê o ex-presidente Ernesto Geisel (1974-1979) quando esteve em Campinas inaugurando o monumento do bi-centenário da cidade. A imagem em preto e branco mostra o militar em traje civil com a mão direita levantada como numa tradicional saudação nazista. (Fig. 5) Para o contexto ditatorial da época esta fotografia jamais seria publicada. E não foi.



Fig. 5. Ex-presidente Ernesto Geisel visita Campinas em 1974: Foto censurada

Para um público jovem nascido nos anos 80, a fotografia não causa nenhuma reação, porém quando o autor explica que seus pais e as gerações anteriores não puderam ver por conta da censura, a imagem ganha uma nova dimensão. Chinalia explica que ela faz parte da história do Brasil recente e que a ditadura militar foi cruel com muitos intelectuais e jornalistas que não podiam se expressar ou se manifestar. Durante a apresentação é lançada aos alunos a frase: “Vocês estão vendo a imagem que seus pais não puderam ver”. Isto é a posteridade, aquela imagem para ser vista depois. A ‘simples’ apresentação de uma foto permite ao professor Chinalia rebobinar o fio do tempo e trazer para os dias atuais um período de dor e de privações até então visto nos livros, fotos e filmes. A foto do presidente Geisel em posição que remete a

um dos capítulos mais tristes da história da humanidade, o nazismo, põe em contato um grupo de jovens com um agente dessa história, um jornalista que não apenas vivenciou, mas que foi personagem censurado dessa história. Esta é uma das atribuições da fotografia: congelar o tempo e perpetuar momentos para análises posteriores.

Outra imagem apresentada por Chinalia mostra o final da rebelião na Penitenciária Ataliba Nogueira em Hortolândia (Fig. 6) em 1995 que lhe valeu o Premio Vladimir Herzog de Fotografia, um dos mais importantes prêmios conferidos aos jornalistas da imagem que se arriscam para denunciar as violações dos Direitos Humanos no Brasil. Este é o momento que os alunos recebem informações sobre os bastidores da notícia. Para conseguir mostrar a imagem dos quase 500 presos nus, o fotógrafo precisou ‘driblar’ o helicóptero da Polícia Militar que sobrevoava o presídio e pronto para disparar, a queima-roupa, contra quem se aproximasse do local. No momento em que a aeronave da PM deixa a área do presídio para um rápido reabastecimento, o helicóptero particular em que estava Chinalia rompe a área reservada para mostrar pela primeira vez o fim de uma rebelião que durou uma semana e que resultou em dezenas de mortos entre policiais e detentos. Em apenas uma rápida passagem, Chinalia projeta seu corpo para fora da aeronave e dispara o obturador de sua câmara contra os detentos sentados e nus no pátio do presídio. O trigésimo sexto fotograma (de um filme de 36 fotos) registra a melhor imagem.



Fig. 6. Rebelião em presídio gera “Violência Nua”: prêmio Vladimir Herzog

Chinalia explica sobre o papel fundamental que desempenha a fotografia no contexto na informação jornalística. Ao remeter-se ao seu trabalho de mestrado intitulado “Fotojornalismo: a manipulação visual da notícia”, o autor afirma aos alunos das mais diferentes áreas que a informação sem imagem perde significativamente a importância. Permite aos jovens alunos de todos os cursos da Universidade uma reflexão necessária e pouco exercitada no contexto em que vivem: qual o impacto e quais as implicações psicológicas, sociais e culturais da imagem jornalística?

Isso implica num exercício crítico que faz com que se encare o registro fotográfico como construto ideológico. As mídias contemporâneas, produtoras de mensagens massivas, também fazem parte dessa análise. No entanto, em que medida correspondem à realidade? Sem esquecer que, fundamentalmente, existe uma atribuição intrínseca a esses veículos de comunicação: “a manipulação, visto que o ato de repassar um fato também é uma reconstrução da realidade.” (Oliveira, 2005).

A perspectiva niilista moderna postulada na Escola de Frankfurt coloca a sociedade diante de um mundo onde os indivíduos são manipuláveis, desprovidos de quaisquer essências, dominados por uma nova racionalidade técnica que o transcende a todo instante, fadados à vontade dos detentores da produção cultural. Opondo-se a esta imagem de desencanto, a perspectiva relativista, crítica e positiva pode sugerir algumas respostas: “a motivação construída pelo contexto que faz com que cada indivíduo construa um sentido para sua existência” (Vianna, 1992).

Fundindo estes dois (e opostos) pontos de vista, pode-se conceber a cultura de massa como um complexo rico que oferece elementos para compreender a condição humana. A imagem da mídia se constitui como simulacro do real encontrando uma grande contradição: “é impossível reproduzi-la no cotidiano, e o que acaba ocorrendo é a busca incessante pela estetização da existência.” (Vianna, 1992).

Nessa medida, a palestra de Chinalia oferece subsídios práticos e teóricos aos alunos

para o exercício de um olhar diferente sobre as informações com as quais são atingidos diariamente. Permite compreender melhor a sociedade que vive atualmente na era do instante em que a informação, levando a fotografia a tira-colo, viaja quase que simultaneamente com os acontecimentos. O autor aborda, também, a possibilidade de todo cidadão atuar como ‘observador’ dessa história. Lembra que todos que possuem equipamentos com câmeras podem, ainda que sem muitos conhecimentos, produzir imagens que podem servir aos meios de comunicação. Já existem espaços como o ‘Repórter Cidadão’, criado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em que o portador de um celular com câmera ou de uma máquina fotográfica digital, por mais simples que seja, pode enviar sua imagem e, dependendo do flagrante, pode ver seu registro publicado na capa de um dos maiores jornais do Brasil. Assim, um mero observador pode se transformar em agente da história.

Chinalia encerra seu módulo exibindo trechos do documentário *Abaixando a Máquina* (Brasil, 2008). Mostra e discute o dilema vivido pelo repórter fotográfico que atua em zonas de conflito no Rio de Janeiro. Explora a face humana desse profissional que faz da câmera um escudo para registrar a dor e a tragédia vividas por anônimos que estampam as páginas dos matutinos cariocas. Mostra a realidade dos jornalistas da imagem nas coberturas dos conflitos nos morros cariocas. A rotina dos fotojornalistas é apresentada desde o momento em que o fotógrafo recebe a incumbência de cobrir os tiroteios frequentes até a maneira como ele é exposto na cena do crime. Expõe a banalização da vida – e da morte – durante um trabalho cruel que deve mostrar uma realidade que, não raro, beira o sensacionalismo. Nesse momento, o lado humano e profissional do jornalista que fotografa a cena passa a ser questionado.

Após o filme realiza-se um breve debate sobre o papel do profissional que vive o dilema entre mostrar ou esconder detalhes sórdidos de um crime, escancarar ou maquiagem a realidade, publicar ou deixar a população sem informação. É sempre um momento muito rico em que

participam desse debate alunos que são levados à análise da atuação da mídia e seus limites de liberdade de expressão e de responsabilidade social da informação.

O quarto módulo é apresentado pelo prof. Celso Bodstein que propõe uma discussão sobre o papel da fotografia na contemporaneidade. Ele lembra que falar sobre a fotografia no contemporâneo é um estimulante desafio pedagógico. As questões começam com a definição de *contemporâneo*, um conceito que se amalgama a uma perspectiva pós-modernista, de cruzamento de referências, de fraco teor historicista e, assim, abrigando a 'liquidez' como autores do peso de Bauman definem nossa atualidade. É dessa maneira que o docente começa a sua fala, identificando esse terreno pantanoso que abriga nosso cotidiano. O lugar no qual a fotografia se insere após ter abdicado de suas controvertidas raízes positivistas, passado pelo modernismo em que o *referente* ganhou as texturas da interpretação, até chegar a esta época de fortes imposições tecnológicas que dão à imagem possibilidades ilimitadas de re-criação do mundo através, principalmente, da fotografia autoral.

Esse é o mote. Situar o contemporâneo da fotografia no aqui-agora de nossas vidas. Isso remete a uma imagem que re-qualifica seu referente e produz, frequentemente, choques nesse lugar em nosso subjetivo que chamamos de "imaginário", onde colecionamos imagens desde que nascemos. Assim, a conversa começa evocando Flusser e sua teoria do "eterno retorno", aquela que pontifica como observamos e absorvemos uma imagem estática – pelo deslocamento "aleatório" de nosso olhar. Circulando por áreas diversas da imagem, mas sempre retornando a seu "ponto de entrada" (que Barthes chama de *punctum*), são traçadas tramas pessoais de significação e interpretação. O resultado, que emociona, vem, em grande medida, do confronto dessas "imagens técnicas" – produzidas pela câmera – , com nossas "imagens mentais".

Isso posto, é hora de falar da fotografia. Ou de como ela nos espelha, às vezes revelando o que não se pode compreender, outras

ressaltando memórias ou auxiliando a perceber melhor a complexidade do mundo factual que nos serve de cenário e nos envolve. O esforço é para evidenciar a natureza de seu *realismo* e o fotógrafo que oferece imagens cifradas para esse fim é o americano Duane Michals, de quem é exibida a surreal seqüência *Les choses Sant bizarres*.

As 237 imagens apresentadas a seguir têm um objetivo principal: trazer à tela produções autorais que, expandindo o conceito da fotografia – no rumo conceitual discutido por Arlindo Machado –, possam ressignificar temas há muito reféns de estereótipos visuais encerrados na chamada indústria cultural. Man Ray (*Fig. 7*) é o primeiro deles, dono de processos como o de *solarização* que ele oferece à pós-produção de suas imagens, e que criam novas linhas de definição entre corpo e espaço. Loretta Luz, a fotógrafa alemã muito festejada nos circuitos mais sofisticados da fotografia internacional é apresentada com suas crianças descontextualizadas do universo infantil, re-locadas num universo de múltiplas indefinições.

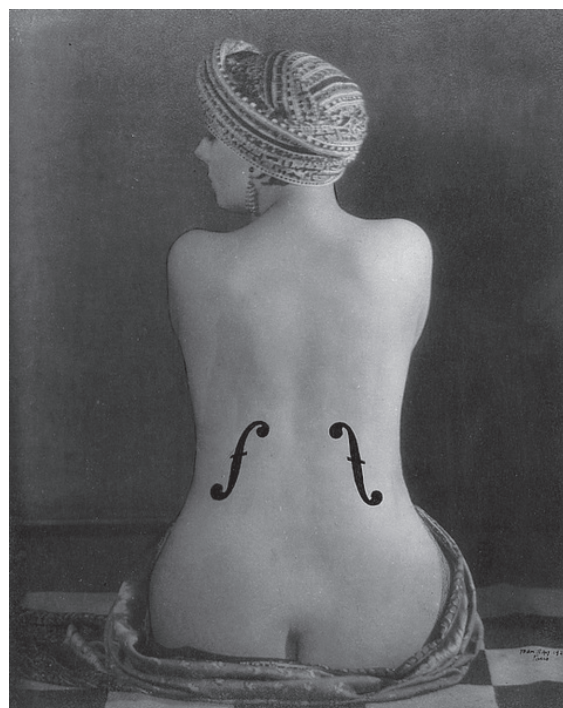


Fig. 7. Man Ray: Solarização em novos domínios para o corpo

A brasileira Avani Stein é chamada a exibir seu hiper-realismo com o qual dá novas texturas a cenas banais do dia-a-dia. Ela abre espaço para a apresentação de outro brasileiro, Eustáquio Neves (Fig. 8), pródigo nas intervenções que faz na imagem em papel, conferindo a ela nuances oníricas a partir do uso de ácidos. Keiji Ota, outro patricio, mostra, com suas imagens abstratas, como a fotografia se integra à experiência das artes plásticas contemporâneas, onde inúmeros artistas substituem suas palhetas pela objetiva.



Fig. 8. Foto de Eustáquio Neves: Experimentações e lirismo

Oliviero Toscani, o aclamado fotógrafo da grife *Benetton* mostra como a publicidade pode abdicar de seus processos indutivos e utilizar-se de conceitos humanitários para veicular marcas. Suas fotos são provocativas e, em grande medida, transformam-se em libelo à tolerância étnica mundial. Spencer Tunick, o convocado a seguir, vê banalizações espessas nas fotos que envolvem o nu. O que propõe como superação é a nudez coletiva, destituída

O próximo fotógrafo fala da morte buscando ir além das representações imagéticas comuns ao tema. Joel-Peter Witkin (FIG. 9) não é para qualquer público e o esforço busca fazer jus à compreensão de suas imagens lúgubres – na verdade elegias à vida a partir de composições com cadáveres. O bom humor fica garantido com a série assinada pelo fotógrafo indiano Sharad Haksar, um crítico irônico da imposição em seu país dos produtos menos rudimentares da sociedade de consumo.



Fig. 9. Foto de Joel-Peter Witkin: Inspiração em Man Ray com corpo inerte

de erotismo, em aproximação aos ideais estéticos do corpo renascentista.

Montagem e fotocolagem são técnicas que vieram praticamente juntas com a fotografia e, no contemporâneo, são algumas vezes assimiladas no campo da construção do conhecimento. Christine Burrill é uma dessas autoras capazes de transformar cenas comunitárias em eventos para o olhar. Sua incursão por tribos brasileiras e a maneira como

edita as cenas – em forma de mosaicos – provoca um novo ordenamento do olhar e, por consequência, novas cognições.

O mito de narciso é revigorado nas imagens de Cindy Sherman, a fotógrafa americana que não fotografa. Ao invés disso, ela se traveste de personagens históricos ou de outros que expressam seus alter-egos, e contrata fotógrafos para o registro de tais delírios. O resultado abre discussões impertinentes sobre identidade e sobre a conotação de *autor*. A brasileira Rosangela Rennó é outra que não fotografa, mas tem suas fotos muito bem cotadas na bolsa internacional. Neste caso, suas incursões são geralmente a partir de fotos descartadas de pequenos estúdios situados no interior do Brasil. Rosangela compra e reconfigura essas produções esquecidas. Com isso possibilita novas apreensões de alteridades.

Três fotodocumentaristas ocupam a cena neste momento, oferecendo estilos diversos para falar sobre a realidade *objetiva* do cotidiano. Antoine D'Agata é o francês que, em nome do fotojornalismo, publica painéis com as várias imagens que compõem sensações privilegiadas de seus temas – conflitos entre judeus e palestinos e entre mexicanos e a polícia fronteira americana, por exemplo. Sebastião Salgado é abordado na minúcia de seu método e de suas pretensões: restituir, através das encenações que produz, a dignidade dos esquecidos da sociedade globalizada. As imagens, em preto-e-branco, são desconstruídas para que o aluno possa compreender melhor as variáveis mais cobiçadas da sensibilidade no trato de temas humanistas, em que os olhos dos personagens se sobressaem. Por último, a produção do fotógrafo Renato Parada – fotos “roubadas” de personagens do centro de Campinas – são mostradas. Para o ex-aluno do curso de Jornalismo da Puc-Campinas, tais imagens representaram a nota máxima em seu projeto experimental de conclusão de curso. É também ótimo exemplo de como um olhar afiado suplanta muitas vezes os resultados da fotografia planejada.

Imagem sem planejamento, aliás, é o tema da *Lomo Fotografia*. Com câmaras muito precárias e de baixo custo, os fotógrafos desse estilo fotografam por compulsão. Não aplicam técnicas, nem mesmo as básicas do processo fotográfico e não se importam nem mesmo com os resultados. Tudo é transformado num ato lúdico, inconseqüente, mas vital.

Mais radical ainda é o pessoal do chamado “realismo conceituado”. Fotógrafos como Jeff Wall, Philip-Lorca diCorcia e Gregory Crewsdon promovem uma espécie de subversão à “lógica” do signo fotográfico a partir do momento em que encenam o cotidiano e simulam a cena-flagrante. Produzem um senso muito especial de realismo que é reconhecido como movimento desafiador aos estatutos da arte na fotografia. E fechando a exposição, a fotografia como significação nas Ciências Sociais. As imagens expostas falam de uma Antropologia Visual que a academia referendou e que surpreende pela metodologia racionalista.

Bodstein encerra o módulo com a apresentação e discussão do documentário *Instantâneos da Realidade* (Brasil, 2004). Mostra o trabalho de Evandro Teixeira, fotógrafo que se notabilizou pela cobertura do período da ditadura e pelo trabalho documental sobre os 100 anos da Batalha de Canudos.

A IMAGEM QUE FICA

Ao longo desses quatro anos de “As múltiplas faces da fotografia” (a primeira turma foi oferecida no segundo semestre de 2006) foram reunidos nos três auditórios da PUC-Campinas (D. Gilberto, no campus I; Monsenhor Salim, no campus II; e Nobrão, na PUC central) aproximadamente 5.000 alunos das áreas de Humanidades, Artes, Ciências Biológicas e Exatas. Com o propósito de aferir o grau de satisfação desses alunos em relação ao conteúdo e a maneira de transmissão desse conhecimento, ao final de cada ciclo de palestras são lançadas algumas perguntas.

Dentre as questões apresentadas, uma em especial, sem valor de nota, solicita uma avaliação sobre o ciclo como um todo. São lançadas as seguintes perguntas: "Qual a sua opinião sobre essa Prática? Você a recomendaria a outros alunos? Por quê?". Vale lembrar que o aluno está totalmente livre para emitir suas críticas, sejam positivas, negativas ou simplesmente não emitir sua opinião – certamente sem prejuízo de sua nota final.

As respostas selecionadas e apresentadas a seguir compõem uma pequena amostra do sentimento exposto pelos graduandos durante os quatro anos de trabalho.

"Eu adorei a prática, adorei o curso, aprendi muitas coisas que eu nem poderia imaginar no mundo da fotografia. Foi fantástico. Recomendarei a todos, com certeza." Isadora Maria Spinhardi Padula (Farmácia)

"... a fotografia passou a ser, para mim, mais que um instrumento de expressão, mas uma forma de interferência e transformação do meio e da realidade. Uma arma que deve ser usada a serviço do bem." Melissa Zupiroli (História)

"Na minha opinião esta prática me surpreendeu. Não imaginava que ela me passaria valores como passou e prenderia tanto a minha atenção. Os assuntos foram interessantes e os palestrantes passaram muito bem o que tinham para mostrar. Já recomendei a outros amigos." Mariana Ragazzi (Adm – Comex)

"... a prática passa para os alunos, além da visão da fotografia, uma visão social. Recomendo para os meus colegas, pois tive ensinamentos que guardarei para o resto da minha vida." Elissa de Moraes Sá (Letras)

"A prática foi muito boa. Superou minhas expectativas." Heitor Seiji Kurachi (Adm – Comex)

"Foi legal, gostei muito. Sempre fui apaixonada por fotos e aqui eu aprendi a ver além da fotografia, ver o lado do fotógrafo e o

do fotografado. Recomendaria, pois ela ensina a observar e a pensar sobre a fotografia." Júlia de Paiva Fonseca de Campos (Fisioterapia)

"Amei a prática. Aprendi muito, mudei minha visão sobre a fotografia e me emocionei muito. Recomendo e vou continuar recomendando. É uma ótima experiência." Rafaela dos Santos Paiva Fonseca (Arquitetura)

"... confesso que estava em dúvida se iria gostar ou não da prática, mas interagindo com o conteúdo apresentado, posso dizer que superou minhas expectativas. Gostei muito do que foi apresentado e da forma como foram debatidos os assuntos..." Angélica Spagiarri de Godoy (Biologia)

"... essa prática é realmente muito interessante. Os palestrantes demonstram confiança no que falam e utilizam uma linguagem que atinge os alunos, fazendo que com não fique chato, parado. Eu recomendaria a outros alunos, pois há muito que aprender de uma forma legal e dinâmica." Daniela Grippo Oliveira (Psicologia)

"Essa prática é bem estruturada com professores realmente da área. Não só recomendaria como já recomendei às minhas colegas de classe, pois superou minhas expectativas. Foram 17 horas que se passaram rápido, não se tornaram cansativas... Muito obrigada a todos os professores e profissionais que participaram." Josiane Fernandes Saunifi (Enfermagem)

"A prática foi ótima, os professores são muito profissionais. (...) Recomendaria, sim, a todos e, se pudesse, repetiria. Adquiri muita experiência e informações espetaculares. São ótimos. Obrigada." Agnes Nathaly Serrano de Souza (Direito)

"A prática é excelente. O corpo docente se esforçou ao máximo para nos passar um pouco do que é este maravilhoso mundo da fotografia." Priscila Nascimento Carvas (Medicina)

"Vou ser bem sincera. Esta prática, antes de começar, era apenas mais um crédito para

eu conseguir me formar, mas hoje digo que não foi bem assim. Fiquei surpresa com tudo que aprendi e como arquiteta tenho certeza que essa prática só foi um start para eu começar a entrar no mundo da fotografia." Renata Pizzardo (Arquitetura)

"Eu achei essa prática interessante e não esperava encontrar profissionais tão qualificados dando aula num sábado para uma maioria de jovens doidos para irem embora e sair com os amigos. Na verdade, peguei essa prática nas vagas remanescentes e posso dizer que foi uma ótima coisa não ter sido aprovada na primeira opção. Para mim essa prática serviu como um momento de escape e relaxamento... ela não pesou nem um pouco no meu final de semana em termos de desgaste mental ou físico. Por tudo que foi citado acima e pela abordagem e preocupação social que essa prática apresenta, com certeza a recomendaria a outros alunos." Fernanda Pignatari Malmegrim (Medicina)

O retorno oferecido por esses alunos à coordenação desse ciclo de palestras e aos docentes nele envolvidos é o que motiva a elaborar a presente reflexão. Embora seja uma Prática que avalie rigorosamente o aluno (são realizadas quatro avaliações ao longo do ciclo e o aluno que não atinge média cinco é automaticamente reprovado) as manifestações são muito positivas e indicam que a fórmula concebida e adotada pelos três docentes deve ser mantida, porém com conteúdos que ganham novos elementos no decorrer dos anos. Convém lembrar que todas as turmas oferecidas desde 2006 (com número sempre acima de 200 matriculados) tiveram procura e foram oferecidas. A manifestação dos alunos sinaliza que a proposta está no rumo certo, dentro da filosofia geral das Práticas de Formação que visa, acima de tudo, a formação integral do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. de. O Turista Aprendiz. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

BARTHES, R. *A Câmara Clara: Nota Sobre a Fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BODSTEIN, C.L.F. – *Fotojornalismo e a ficcionalidade no cotidiano*. Tese de doutorado defendida junto ao Departamento de Mídias do Instituto de Artes da Unicamp. Campinas: 2006.

CARNICEL, A. *O Fotógrafo Mário de Andrade*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

... "Fotografia e inquietação – Uma leitura da imagem a partir da relação fotógrafo-fotografado". In: *Resgate – Revista Interdisciplinar de Cultura*. Campinas: Centro de Memória-Unicamp, 2002, pp 41-54.

CHINALIA, N. "Fotojornalismo: a manipulação visual da notícia". Dissertação de mestrado defendida junto à Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. São Paulo: 2001.

OLIVEIRA, D. "Jornalismo, Mídia e Esfera Pública: Dimensões da Ação Ideológica". In: *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro: 2005.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Imagem: Cognição, Semiótica e Mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

VIANNA, L.C.R. *A Idade Mídia: Uma Reflexão Sobre o Mito da Juventude na Cultura de Massa*. Brasília: UnB; 1992.

Filmes:

Abaixando a Máquina (Brasil, 2008).

Crianças Invisíveis (EUA, 2005).

Instantâneos da Realidade (Brasil, 2004).

Nascidos em Bordéus. (EUA/Índia, 2005).

Sob Fogo Cerrado (EUA, 1983).

PRÁTICA DE FORMAÇÃO: RETIRO UNIVERSITÁRIO UMA PARCERIA QUE DEU CERTO!

Brenda Maribel Carranza Davila¹

Na virada do século a PUC-Campinas iniciou um projeto ousado: Práticas de Formação. O motor propulsor da proposta encontrava-se no oferecimento de uma maneira nova de vivenciar a formação universitária. Os alunos encontrariam nas Práticas de Formação uma “outra Universidade”, em princípio mais interativa, renovada, criativa, ágil e interdisciplinar. Foi com esse espírito que como Departamento de Pastoral Universitária conectamos e nos seduziu a idéia de poder participar ativamente na concretização de tamanha iniciativa que já contabiliza uma década de experiência.

Não é segredo que o processo de implementação, legitimação e consolidação das Práticas de Formação na Universidade tem sido longo e, muitas vezes, penoso. Entretanto, a equipe da Pastoral apostou nele como uma plataforma formativa na qual valia a pena empenhar seus esforços. De tal forma que, desde o primeiro semestre do ano 2000, o Departamento de Pastoral Universitária tem colaborado com a Coordenadoria de Práticas de Formação (CPRAFOR) em duas direções: oferecendo o Retiro Universitário, Prática que se mantém do início até hoje; e integrando o Conselho Consultivo, no qual tem participado ininterruptamente. Decorrente disso, a nossa

representante é, atualmente, o membro mais antigo do Conselho. Mais recentemente, temos também realizado a Campanha da Fraternidade na Universidade, conjuntamente com a CPRAFOR.

ETERNAMENTE RENOVADOS

Foram mais de 35 turmas que, durante um final de semana, entraram em contato direto com o nosso Departamento ao participarem do Retiro Universitário. 1.085 alunos compartilharam com outros colegas, advindos dos mais diversos cursos, a aventura de “parar” para conviver vinte e quatro horas juntos. Desde o início o Retiro acontece num ambiente privilegiado que propicia o contato intenso com a natureza e o encontro pessoal. Num ritmo de reflexão e partilha os alunos expõem seus sonhos, temores, esperanças. É nesse clima de paz e sossego que os participantes renovam suas energias, tomam distância da vida cotidiana e experimentam a oportunidade de avaliar o sentido de suas próprias escolhas, profissionais e pessoais.

A olho nu o Retiro aparece como uma atividade atrevida pois, reunir trinta e cinco alunos, numa imersão total, durante um final de semana, incluindo pernoite, pode acarretar quaisquer surpresas desagradáveis. Em que pese

¹ Coordenadora da Pastoral Universitária.

esse risco estar sempre presente, podemos dizer que há dez anos acolhemos os grupos como se fosse sempre o primeiro, porque a cada vez o grupo é outro, um novo *continuum*. (Fig. 1). Há dez anos que testemunhamos confidências em momentos menos esperados. Há dez anos os jovens nos renovam com seus questionamentos e críticas. Há dez anos que percebemos descobertas pessoais. Há dez anos que os risos, gargalhadas, brincadeiras, cantos e piadas inundam as madrugadas afora... Há dez anos que os alunos, desejosos de dar um sentido à sua existência, nos confessam que valeu a pena realizar a Prática e questionam se podem matricular-se novamente... Sem dúvida, são muitos anos em que nos surpreende o potencial formador e evangelizador que revela a prática Retiro Universitário.

FORMATOS INOVADORES

Preocupada com a socialização da produção do conhecimento gerado nas instâncias universitárias, a Pastoral se propôs construir pontes que conectassem a comunidade externa, especificamente as pastorais da Arquidiocese de Campinas, com a Universidade. Resultado disso são os oito anos em que vimos desenvolvendo projetos de Extensão Universitária em torno das temáticas propostas pela Campanha da Fraternidade. Nesse ínterim, a partir do ano de 2008, passamos a propor um formato completamente inovador de Prática de Formação, no qual foram incluídas as preocupações contempladas no projeto de Extensão. Desde então, a cada ano os alunos tiveram a oportunidade de refletir em torno de temáticas como: "*Em defesa da vida: riscos, ameaças, perspectivas profissionais*", "*Cultura do medo: quanto mais violência, mais segurança?*", "*Solidariedade: experiências e ações alternativas*".

Mais de 12 turmas, num total de 1.580 alunos, já se beneficiaram desse esquema criativo de reflexão que, durante dois sábados, garante a participação em diversas atividades, tais como: debates, mesas redondas,

conferências com professores e profissionais das áreas temáticas propostas; o conhecimento das comunidades locais; e a convivência com agentes comunitários e de pastoral. O fluxo participativo dos alunos inclui oficinas de trabalho, visitas a comunidades carentes e a projetos alternativos de geração de renda localizados, geralmente, na periferia de Campinas. A estrutura desta Prática de Formação requer uma logística extremamente complexa, pois até o momento, já tivemos a participação de mais de 30 professores da casa, ministrando oficinas de trabalho, moderando debates e mesas redondas, além da passagem de mais de 10 profissionais convidados de outras Universidades, instituições sociais (ONGs), indústrias e pólos de desenvolvimento, assim como colaboraram conosco poetas e cineastas. A articulação com as pastorais da Arquidiocese é um ponto a ser destacado, pois, sem a colaboração incondicional dos agentes, aliada à interação dos alunos, o conhecimento de projetos alternativos e a visita a comunidades carentes não teria sido possível.

Enquanto projeto inovador de Prática de Formação a Campanha da Fraternidade só acontece porque conta com o apoio da CPRAFOR e a equipe da Pastoral aglutina toda a sua energia durante um semestre para que essa atividade aconteça. A cada realização do evento estendem-se novas teias de contato entre professores, alunos, agentes comunitários e pastorais que dão seus frutos nos momentos menos esperados. A Pastoral Universitária confirma nessa Prática a importância da formação interdisciplinar e reflexiva dos nossos alunos, por isso se empenha em organizar eventos que viabilizem de maneira inovadora esse objetivo.

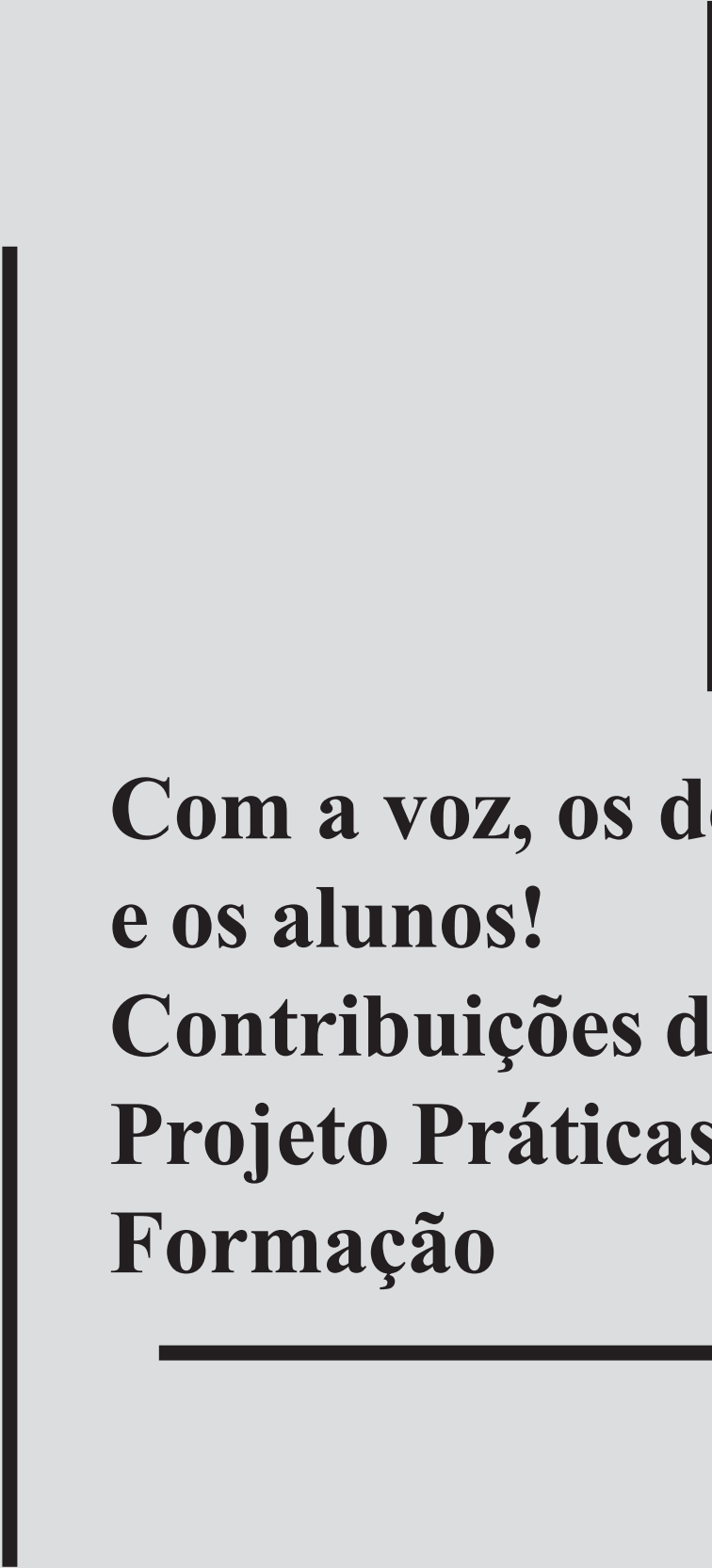
Enfim, a narrativa dos feitos mais relevantes desses dez anos de trabalho conjunto com a CPRAFOR nos permite afirmar que é uma boa parceria. Ora no empenho de ambas as equipes para fazer acontecer os múltiplos eventos organizados, ora pela afinidade que as pessoas desenvolveram no decorrer destes anos. Ficam no tinteiro inúmeras anedotas que

emergem quando lembradas as dificuldades enfrentadas, os recursos deflagrados para superar os obstáculos burocráticos, os propósitos sempre renovados de que na próxima vez levaremos em conta tal e qual experiência.

Se é verdade que os setores e instâncias universitárias têm por finalidade última favorecer a vida universitária, também é verdade que o carinho e o respeito mútuo entre

as pessoas, no momento da execução de projetos comuns, são fundamentais para sustentar parcerias contínuas. Ainda que na sociedade contemporânea a tônica seja um mundo competitivo e cheio de entraves concorrenciais, nós da Pastoral Universitária damos fé: é possível trabalhar em equipe, pois temos a experiência da parceria PASTORAL UNIVERSITÁRIA-CPRAFOR que deu certo, nessa estrada de dez anos percorrida juntos.





**Com a voz, os docentes
e os alunos!
Contribuições do
Projeto Práticas de
Formação**

COM A VOZ, OS DOCENTES

DEPOIMENTOS E OPINIÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO

1. OPINIÕES SOBRE O PROJETO DE PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DA PUC-CAMPINAS

“Acredito ser uma resposta à necessidade dos alunos entenderem a essência da palavra “universidade”. A PUC-Campinas com seus milhares de alunos nos diversos campos do saber está dando a oportunidade dos discentes conhecerem um universo muito maior das propostas que seu curso de escolha poderia lhe proporcionar. “

Professor Nelson Sebastião Chinalia
Curso de Jornalismo

“É uma iniciativa que procura alimentar a concepção de Universidade quando, na maioria do tempo, os focos estão nos cursos.”

Professora Juleusa Maria Theodoro Turra
Curso de Geografia

“É um projeto democrático, em que os alunos de diferentes cursos podem participar de disciplinas que promovem integração discente e, ao mesmo tempo, leva os alunos a refletirem e conhecerem opiniões diversas de um mesmo tema.”

Professora Maria de Fátima Franco dos Santos
Curso de Psicologia

“Esse projeto é importante e quem se envolve faz isso porque acredita no enorme aprendizado que todos adquirem com ele.”

Professora Claudia Suzana Ferigolo
Curso de Matemática

“Entendo como um projeto que abre as portas de diversas áreas de conhecimento para o aluno que busca o aprimoramento profissional ou uma realização pessoal.

É um projeto que estimula o jovem universitário ao contato com atividades que extrapolam as paredes da sala de aula, contribuindo para uma formação diferenciada.”

Professor Eli Borochovicus
Curso de Administração

“Considero um projeto inovador que vem ao encontro das necessidades do mundo atual, onde a visão ampla de mundo que a Prática de Formação oferece, é, requisito primordial para o sucesso profissional.”

Professora Mariene T. Umeoka Hidaka
Curso de Fonoaudiologia

“Na minha opinião, o projeto de Práticas de Formação da PUC-Campinas é genial, pois permite que o aluno se envolva na comunidade universitária, tendo contato com diversas áreas,

o que possibilita que ele desenvolva sua vocação profissional de forma ampla e interdisciplinar e já vá formando uma rede de relacionamentos para o mercado de trabalho."

Professora Joana de São Pedro
Curso de Letras

"O projeto é um diferencial positivo dentro da Universidade. Corrobora com a ideia de formar não só bons profissionais, mas boas pessoas, bons cidadãos, bons críticos da sociedade".

Professor Adauto Marin Molck
Curso de Jornalismo

"Muito útil para formação global do aluno, tanto no aspecto de conhecimento como também de relacionamento com novos colegas e professores."

Professor José Carlos Valente
Curso de Administração

"O projeto permite que os alunos tenham a oportunidade de ter uma formação complementar de sua escolha podendo ser direcionada para artes, cultura, religião ou conhecimento técnico-científico."

Professora Giovanna Rosa Degasperi
Curso de Ciências Biológicas

"Apresenta bases educativas para aprendizagem do aluno e consolidação de seu exercício profissional de forma ética e humanística."

Professor Aparecido Fujimoto
Curso de Engenharia Civil

"Projeto inovador, o qual coloca a PUC-Campinas na vanguarda das Universidades."

A inovação é premissa para a sobrevivência das Universidades. Na área acadêmica a inovação gera criatividade, que gera inovação, que gera criatividade."

Professora Mariangela Cagnoni Ribeiro
Curso de Ciências Biológicas

"O projeto é inovador, abrangente, inteligente, valoroso e atende aos objetivos de ampliar e oferecer aos discentes uma visão de universalidade do conhecimento, contextualizado no mundo, na vida e no trabalho."

Professora Emilse Aparecida Merlin Servilha
Curso de fonoaudiologia

2. CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO

"Acho que o projeto de práticas de formação apresenta uma contribuição inigualável em conhecimentos gerais e técnicos para a formação complementar dos alunos, uma vez que, podem frequentar aulas com temas diversos e diferentes de sua formação na graduação."

Por causa das diversas áreas dos alunos que frequentam as práticas, observo uma união grande entre eles na tentativa de integração dos conhecimentos, levando a um importante trabalho em grupo."

Professora Neusa Maria Osti
Curso de Ciências Farmacêuticas

"Oportuniza aos discentes múltiplas possibilidades para aprender a trabalhar em equipe, adquirir valores, desenvolver habilidades, ampliar sua socialização, integrar-se com outros universitários e rever sua visão de mundo."

Professora Emilse Aparecida Merlin Servilha
Curso de Fonoaudiologia

"O aluno é incentivado a desenvolver tarefas práticas, contribuindo para a sua formação e desenvolvimento pessoal e profissional."

É uma oportunidade ímpar de ter contato com diversas áreas de conhecimento, interagindo com novos grupos de pessoas e despertando características que o diferencie no mercado."

Professor Eli Borochovicus
Curso de Administração

“As contribuições mais evidentes estão na esfera da amplitude de conhecimentos, na interdisciplinaridade de temas que não só reforçam os conteúdos e as opiniões apreendidas e formadas nas disciplinas curriculares, como possibilitam a busca pelo aprofundamento de temas próximos, paralelos ou difusos, despertando o interesse pela continuidade dos estudos em nível de pós-graduação e auxiliando na construção de um saber sólido e prolífero que proporciona preparo diferenciado para a disputa por vagas no mercado de trabalho.”

Professor Luiz Roberto Saviani Rey
Curso de Jornalismo

“a) Contato com colegas de outras áreas; b) atividades que podem diferir daquelas do seu dia-a-dia acadêmico no curso de sua escolha; c) oportunidade de descobrimento de “novos” potenciais que ele eventualmente desconhecia.”

Professor Paulo Sergio Scarazzato
Curso de Arquitetura e Urbanismo

“As informações previstas para cada profissão estão no projeto pedagógico de cada curso. A prática oferece arejamento, diversidade e amplitude nas informações complementares - e necessárias - à formação universitária.

Permite conhecer pessoas de outros cursos que trazem, frequentemente, novas visões e valores favorecendo uma percepção complexa da realidade.”

Professor Roberto Ciasca
Curso de Terapia ocupacional

“Em Práticas de Formação o Aluno tem todas as condições de ampliar suas reflexões, dividir experiências e saborear as discussões, tendo em vista que as dimensões de tempo e espaço são diferentes de uma aula normal.”

Professor Paulo Cesar Adani
Curso de Ciências Econômicas

“Vejo que com esse projeto o aluno obtém uma formação integral. Ele pode se preparar muito mais para o mercado de trabalho e obter conhecimentos artísticos, culturais, esportivos etc.”

Professora Claudia Suzana Ferigolo
Curso de Matemática

“Dá oportunidade aos alunos de entrarem em contato com outras disciplinas que contribuem e muito com sua formação acadêmica, carreira, estudos futuros. Amplia sua visão em relação a novos conceitos. Permite a interação entre eles, professores, funcionários e outros órgãos como por exemplo laboratórios.”

Professor Cecil Granado
Curso de Engenharia Civil

“Amplia o universo mental dos alunos, na medida em que, têm a oportunidade de se inteirarem de várias áreas de conhecimento, muitas vezes fora de sua área de graduação, podendo assim despertar interesse em aprofundar tal conhecimento. Amplia a visão de mundo e desperta o prazer pelo conhecer.”

Professoras
Regina Maria Prezia A. B. Souza e
Yung Sun Lee Damasceno
Curso de Fonoaudiologia

*“Ampliação de horizontes e da visão de mundo
Convivência e sociabilidade, aprendendo com as diferenças*

*Conhecimento de tecnologias alternativas
Desperta novos interesses
Valoriza as aptidões e talentos dos estudantes”*

Professora Noemie Nelly Nahum
Curso de Arquitetura e Urbanismo

“Complementa a formação acadêmica e pessoal do aluno, proporciona a convivência, diálogo e troca de experiências entre alunos

de diferentes cursos, ampliando sua socialização e visão de mundo."

Professor José Francisco Bernardes Veiga Silva
Curso de Química

"Ajuda a se abrir para novas realidades, quando participam de dinâmicas e discussões sobre temas atuais.

Fortalece a comunicação interpessoal

Aprimora sua forma de se comunicar "

Professor David Bianchini
Curso de Engenharia Elétrica

"Considero uma ótima ferramenta de ensino que amplia muito o conhecimento do aluno. Possibilita que ele se aproxime de área aparentemente não relacionada à sua formação básica, no entanto, de extrema importância para seu enriquecimento como futuro profissional e cidadão."

Professor Eduardo Henrique Teixeira
Curso de Medicina

"O Projeto de Práticas de Formação permite ao aluno ampliar o escopo de possibilidades de atuação no mercado, mostrando novas áreas, ou, ainda, aprofundando o conhecimento em áreas que ele já conhece. De uma forma ou de outra, permite a aproximação maior entre a teoria e a prática."

Professor Antonio Luiz Tonissi Migliato
Curso de Administração

"O aluno tem acesso a outras formas de pensar quando está com outros alunos que não são seus pares na escolha acadêmica e profissional, isso enriquece seu aprendizado."

Professora Cyntia Belgini Andretta
Curso de Jornalismo

"Sob a ótica da formação, penso que estar diretamente ligada aos interesses e necessidades dos alunos, encarando-se como

um processo que estimula a reflexão crítica, a análise e investigação contribuindo com temas para sua efetiva transformação como profissional a ser inserido na comunidade."

Professor Mauro Augusto de Oliveira
Curso de Medicina

"Permite que o aluno se conheça em tarefas diferentes daquelas que, de certa forma já são esperadas, por conta do curso que escolheu. Muitas práticas subsidiam o melhor desempenho do futuro profissional no tocante à sua comunicação e postura. Estimula a criatividade, já que as dinâmicas de muitas práticas são de interação e participação. Favorece o conhecimento não restrito a conteúdos curriculares de formação específica. Nesse conjunto contribui para formar um aluno mais criativo, com oportunidades de conhecer melhor seus potenciais e, portanto, mais seguro para desempenhar seu papel no futuro."

Professora Iára Bittante de Oliveira
Curso de Fonoaudiologia

"Propicia integração entre as diversas áreas de conhecimento dentro da universidade. O acadêmico entra em contato com práticas profissionais diferentes do seu dia a dia. Auxilia a inserção no mercado de trabalho, adquirindo consciência da necessidade da Interatividade com as demais profissões.

Possibilita redirecionamentos e possíveis correções de posturas pré concebidas."

Professor João Eduardo Almeida P. Lima
Curso de Arquitetura e Urbanismo

"As contribuições são enormes e podem ser ampliadas ainda mais, dependendo principalmente do empenho e do interesse de cada aluno nas Práticas escolhidas. Particularmente, acredito que a maior contribuição é a oportunidade do discente adquirir habilidades e competências além daquelas oferecidas na grade curricular de seu respectivo curso, o que resulta, conseqüentemente, numa real

vantagem competitiva no mercado de trabalho."

Professor Victor Kraide Corte Real
Curso de Publicidade e Propaganda

3. CONTRIBUIÇÕES PARA OS DOCENTES

"As Práticas de Formação contribuem de forma diferente conforme passam-se os semestres. Nos primeiros semestres conhecer alunos de outros cursos foi, e ainda permanece mas em menor importância, o principal atrativo em ministrar as atividades de Prática de Formação. O comportamento dos alunos de diferentes cursos me proporcionam uma nova análise dos alunos do meu próprio curso. Após alguns semestres, o que tem me chamado atenção é a utilização deste espaço para criar novas propostas metodológicas de ensino da modalidade esportiva, pois na Prática de Formação o número de alunos é muito maior do que havia trabalhado anteriormente. Foi um bom desafio conseguir elaborar aulas em grupo para uma modalidade esportiva individual. Atualmente, estas novas metodologias hoje são aplicadas no meu trabalho fora da PUC.

No contexto de Práticas de Formação o PAAA foi outro espaço de aprendizado muito importante para minha docência. Ressalto principalmente o aprofundamento no Projeto Pedagógico do Curso, trabalhar com professores que foram meus professores na graduação, abordar assuntos com os alunos sobre formação profissional em um espaço de discussão próprio para isso, conhecer minhas dificuldades na docência e propor ações que visem a superação das mesmas, estabelecer vínculos afetivos com os alunos de modo a melhorar o sentimento de reciprocidade no desenvolvimento das atividades diárias."

Professor István de Abreu Dobránszky
Curso de Educação Física

"Acredito que o projeto de Práticas de Formação reduz as distâncias entre os alunos

dos diferentes cursos e campi da UNIVERSIDADE, proporcionando a eles e ao professor momentos de diálogo, garantindo ao professor a interlocução com todos os alunos da universidade, além de discussões riquíssimas, já que os alunos nos emprestam os seus saberes das diferentes áreas a qual pertencem."

Professora Elizabeth
Oliveira Crepaldi de Almeida
Curso de Fonoaudiologia

"Fornecer importantes contribuições, pois ele se depara com diferentes áreas do conhecimento através de seus alunos. As questões levantadas por seus alunos mostram concepções diferentes a respeito do mesmo tema."

Professora Maria de Fátima Franco dos Santos
Curso de Psicologia

"As contribuições são muitas desde a convivência com outras áreas de conhecimento, desenvolvimento de metodologias ativas de ensino e aprendizagem, o aprimoramento do lidar com o diferente."

Professora Mariene T. Umeoka Hidaka
Curso de Fonoaudiologia

"...com certeza, as Práticas de Formação contribuem para a formação dos docentes, pois nos levam a uma atualização constante no que diz respeito à utilidade da matéria que ensinamos em outros campos de atuação e nos impulsiona a procurar novas dinâmicas de integração pelo fato de termos de lidar com perfis variados de alunos."

Professora Joana de São Pedro
Curso de Letras

"Os docentes podem, no oferecimento das práticas, mostrarem-se, nos seus interesses e produções, de modo mais inteiro, para além da especificidade das disciplinas que são suas portas de entrada na Universidade. Permite, outrossim, que exercitem outras práticas pedagógicas e conheçam outras trajetórias e

outras formações profissionais. É o contraponto da vivência universitária do aluno realizada pelo professor.”

Professora Juleusa Maria Theodoro Turra
Curso de Geografia

“O professor pode aprofundar e melhorar temas que realmente domina e para isso estuda mais e investe mais em novos conhecimentos. Além disso, o contato com alunos de várias áreas do conhecimento leva a novas discussões e novas reflexões, novos desafios. Não preciso dizer que ao final ganham os alunos e os professores, pois a troca de conhecimento é inevitável.”

Professor Adauto Marin Molck
Curso de Jornalismo

“A Prática de Formação é uma oportunidade aos docentes para que possam expor áreas mais específicas de seu conhecimento e que nem sempre são compatíveis com as ementas dos cursos em que ministra aulas.”

Professora Giovanna Rosa Degasperì
Curso de Ciências Biológicas

“Sem dúvida, a contribuição para o docente é o desafio, visto que, este trabalha com turmas e cursos diferenciados, proporciona o diálogo e abrange um conhecimento atual e, muitas vezes inovador em se tratando de vida acadêmica.”

Professora Mara Salvucci
Curso de Pedagogia

“Acredito que quando um professor propõe um projeto de curso, coloca nele todo a sua vontade interior de ensinar adicionalmente, questões que entende importantes para os outros. Assim, o professor cresce profissionalmente, socialmente e humanitariamente, quando socializa o seu conhecimento com os alunos da universidade.”

Professor Ernesto Dimas Paulella
Curso de Administração

“Sem dúvida é uma experiência diferente onde o docente desenvolve experimentalmente novas abordagens pedagógicas o que possibilita aplicar posteriormente nos cursos de graduação.”

Professor Ricardo Catalano
Curso de Ciências Biológicas

“Para o professor há também uma grande riqueza que é a diversidade de interesses já que a Prática de Formação oferecida reúne alunos de exatas, humanas e biológicas. Esta diversidade traz depoimentos, experiências que tornam a aula mais inovadora com a participação do aluno e o professor aprende com estes relatos.”

Professor Nelson Aparecido Alves
Curso de Administração

“...propiciam ao docente a oportunidade de trabalhar com conteúdos não contempladas nos currículos formais destinados à formação básica e profissionalizante, permitindo-lhe o exercício dessas práticas e levando-o à constantes atualizações.

Outro aspecto muito interessante é o exercício didático pedagógico pois o docente tem a oportunidade de trabalhar com alunos oriundos de diferentes cursos.”

Professora Marinês Rizzo
Curso de Odontologia

“...como recebemos alunos de diferentes cursos e formações o docente tem que adequar a metodologia e o conteúdo programático da sua prática com as diferentes áreas. Esta adequação de conteúdo e o interesse demonstrado por alunos quando buscam a nossa prática de forma espontânea e elogiam a nossa metodologia nos trás muita alegria e motivação para continuarmos neste projeto; isto tem possibilitado sua aplicação também nas disciplinas curriculares da graduação.”

Professor Antonio Sergio Cella
Curso de Ciências Econômicas

COM A PALAVRA, OS ALUNOS

OPINIÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO

1. OPINIÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES QUE AS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DA PUC-CAMPINAS OFERECEM PARA A FORMAÇÃO DOS ALUNOS

"Ajuda a ampliar a visão do aluno em diversas direções."

Wesley Silva Galvão
Aluno do Curso de Geografia

"A ampliar os nossos conhecimentos, não ficar focado só na nossa área. Isso para mim é excelente."

Eduardo G. Segallio
Aluno do Curso de Engenharia Ambiental

"As práticas de formação oferecem a possibilidade de conhecer melhor assuntos específicos da sua área ou assuntos que não estão diretamente relacionados a ela, mas que, se enxergarmos de um modo mais amplo, podem ser bastante úteis de um modo geral."

Manoella Gomes
Aluna do Curso de Medicina

"Uma oportunidade de conhecer algumas matérias que seu curso não possui na grade, já que é livre a opção de escolha dos temas."

Mayara Spinelli de Souza
Aluna do Curso de Ciências Biológicas

"Contribuem para ampliação do conhecimento e conseqüentemente melhor formação acadêmica e profissional."

Fábio José de Castro
Aluno do Curso de Odontologia

"Interdisciplinaridade e convivência com alunos de outro curso."

Marina Martinez
Aluna do Curso de Direito

"Eu acredito que as práticas de formação possibilitam ao aluno conhecer novos temas, assuntos diferentes daqueles adquiridos na grade horária do seu curso. Possibilitam também uma visão mais multidisciplinar."

Andréa R. Rached
Aluna do Curso de Fisioterapia

"A prática pode contribuir na vida cotidiana, ensinando a executar tarefas de maneira correta, contribuindo para o crescimento profissional e pessoal."

Miriane M. Soares
Aluna do Curso de Química

"Permite que o aluno complemente os conhecimentos que já possui e até mesmo adquira conhecimentos diferentes dos que correspondem à sua carreira profissional, além de permitir uma aproximação com alunos de outros cursos."

Denise Cristina Pires
Aluna do Curso de Ciências Farmacêuticas

"Permite ao aluno ampliar seu conhecimento e visão de mundo e realidade, além de viabilizar o contato entre os alunos de diferentes cursos."

Marina de A. S. Dias
Aluna do Curso de Direito

"A prática proporciona ao aluno conhecer e desenvolver outras atividades além daquelas referentes a sua área, seu curso, de fato essa vivência proporciona um maior enriquecimento para aluno e aproveitamento da Universidade."

Tatiane Machado
Aluna do Curso de Biblioteconomia

"A diversidade de atividades, ampliando o repertório de vivências que muitas vezes são escassos dos alunos, a possibilidade de novos conhecimentos e experiências."

Elisangela Cordeiro dos Santos
Aluna do Curso de Terapia Ocupacional

"Oferecem a possibilidade de conhecer outros campi e conhecer parte do conteúdo dos outros cursos."

Denis Henrique Santos de Oliveira
Aluno do Curso de Educação Física

"Há um papel de inclusão social através de conteúdo variado."

Santiago de Moraes Todelo
Aluno do Curso de Adm. Logística e Serviços

"As práticas de formação proporcionam um maior aprendizado e compreensão de temas que muitas vezes não são abordados em sala de aula."

Mariana Galvão
Aluna do Curso de Adm. Comércio Exterior

2. O QUE MAIS GOSTOU NAS DISCIPLINAS DE PRÁTICAS DE FORMAÇÃO

"A possibilidade de interiorizar conhecimentos de outras disciplinas, que pode proporcionar um aperfeiçoamento acadêmico e humano."

André Franco de V. Rodrigues
Aluno do Curso de História

"Outras visões de professores de outras áreas e a possibilidade de uma interdisciplinaridade."

Wesley Silva Galvão
Aluno do Curso de Geografia

"O conhecimento extra que ela pode nos proporcionar fora da rotina do nosso curso."

Valeriane M. Hara
Aluna do Curso de Ciências Farmacêuticas

"Da diversidade das opções de escolha."

Eduardo G. Segallio
Aluno do Curso de Engenharia Ambiental

"Faz com que o aluno busque novos horizontes e tenha novas experiências."

Luísa C. B. Gomes
Aluna do Curso de Ciências Farmacêuticas

"A forma como são apresentadas e a variedade de Práticas."

José Eduardo Silva
Aluno do Curso de Adm. Comércio Exterior

"A possibilidade de realizar atividades diferentes das atividades realizadas no curso de graduação, que podem contribuir como atividades de momentos de lazer."

Denise Cristina Pires
Aluna do Curso de Ciências Farmacêuticas

"A possibilidade de interagir com pessoas de outros cursos."

Leandro Fernandes
Aluno do Curso de Engenharia Elétrica

"Gostei dos professores que são ótimos, de como as aulas são ministradas por eles e dos exercícios aplicados."

Maria Cristina P. Retanol
Aluna do Curso de Administração

3. OPINIÃO SOBRE A POSSIBILIDADE DE CURSAR DISCIPLINAS DE PRÁTICAS DE FORMAÇÃO COM ALUNOS E PROFESSORES DE OUTROS CURSOS

"Acho bem interessante. Essa integração entre alunos e professores de outros cursos só tem a

acrescentar, tanto para o professor quanto para o aluno."

Murilo F. F. Cande
Aluno do Curso de Publicidade e Propaganda

"É uma das características mais importantes e que mais contribui para a formação do aluno no que tange às práticas de formação. "

Anderson Benedetti Araújo
Aluno do Curso de Direito

"Possibilita a interdisciplinaridade, o conhecimento em outras áreas e interação com alunos de outros cursos."

Alessandra B. Resende
Aluna do Curso de Química

"É importante para a melhor interação entre as áreas do conhecimento. "

Manayra Carvalho
Aluna do Curso de Medicina

"É legal ter informações diferentes das que a gente tem no dia a dia e cada professor e aluno tem seu conteúdo que é dividido nas práticas e que só tem a acrescentar na nossa formação acadêmica."

Nayara Andrade Oliveira
Aluna do Curso de Odontologia

"Muito boa, pois para muitos alunos é a única oportunidade de ter esse contato que é tão importante e abre tanto o horizonte dos alunos."

Patrícia Leone Teixeira
Aluna do Curso de Publicidade e Propaganda

"É interessante a experiência, principalmente conhecendo os professores de outros cursos. "

Ingrid Bache
Aluna do Curso de Jornalismo

"É sempre muito bom poder trocar experiências com pessoas de outras áreas, permite uma ampliação de nossos horizontes."

José Paulo Arcanjo
Aluna do Curso de Ciências Econômicas

"É interessante pois você convive com pessoas que não estão no seu dia-a-dia, conhecendo melhor também como são os outros cursos.. "

Mariana Galvão
Aluna do Curso de Adm. Comércio Exterior

4. OPINIÃO SOBRE A POSSIBILIDADE DE ESCOLHER A PRÁTICA DE FORMAÇÃO QUE DESEJA CURSAR

"Isso faz com que o aluno realize uma matéria com maior disposição, tenha um maior rendimento e consiga aproveitá-la melhor. "

Renan Lui Galdioli
Aluno do Curso de Engenharia Civil

"A possibilidade de escolha permite que o aluno possa agregar conhecimentos e experiências além da sua área de atuação. "

Mayra Cive
Aluna do Curso de Relações Públicas

"Eu acho que devemos continuar escolhendo a prática que quisermos, porque desta forma estaremos fazendo algo que chamou nossa atenção, que nos interessou. "

Juliana de Lima Montanheiro
Aluna do Curso de Ciências Contábeis

"Cada aluno tem a possibilidade de escolher a prática que ele tenha uma identificação. "

Andréa Roveri
Aluna do Curso de Ciências Sociais

“Excelente, pois fazemos algo extra-curricular que gostamos ou, pelo menos, temos a curiosidade de descobrir como funciona . “

Caroline Soquette
Aluna do Curso
de Direito

“A possibilidade de escolher é muito boa, pois você faz matérias na qual tem interesse em aprender e isso acaba sendo prazeroso e de fácil aprendizagem. “

João Gabriel Gonçalves
Aluno do Curso de Publicidade e Propaganda



Práticas de Formação - Natação



Baú de Preciosidades

ENTREVISTA

Prática de Formação: significado para a vida acadêmica

Professor José Francisco B. Veiga Silva¹

1. O quê o motivou a oferecer esta Prática de Formação?

Minha motivação foi a possibilidade de contribuir para a conscientização dos alunos em relação às questões do meio ambiente que são de fundamental importância para a manutenção e ampliação da qualidade de vida no planeta. Criou-se assim um espaço de discussão, diálogo e troca de saberes em temas relevantes sobre a sustentabilidade e o bem-estar dos cidadãos.

2. Há diferença entre lecionar para o curso regular e para a Prática de Formação? Se sim, quais?

Sim. A Prática de Formação a ser cursada é escolhida pelo aluno, daí, em princípio, ser tema de seu interesse, não havendo assim a formalidade do ensino regular da graduação, sendo o processo de construção do conhecimento mais dinâmico. Isto permite novas abordagens com diferentes metodologias que incentivam um maior envolvimento e participação dos discentes no seu processo formativo. O direcionamento das análises e discussões é dado pelo próprio grupo por meio de uma construção coletiva e transformadora. No curso regular há um certo engessamento em razão da grade curricular fixa, bem como o ementário das disciplinas.

3. Na sua experiência, quais as contribuições que as práticas oferecem aos alunos?

As práticas agregam valor à formação dos alunos, pois o processo coletivo de construção

do conhecimento é muito rico e o grupo é constituído por alunos de diferentes cursos em áreas diversas com visões pessoais sobre temas abordados que remetem à concepções próprias de vida em sociedade.

No entanto, em geral, há consenso em relação à necessidade de ações que preservem a qualidade de vida e bem-estar das pessoas, privilegiando-se ações sustentáveis.

4. Se pudesse oferecer outra prática diferente da que já oferece, qual faria?

Ofereceria uma prática relativa a ética, solidariedade e construção da cidadania.

5. O que o sr(a) acha que pode contribuir para a melhoria das Práticas de Formação?

Poderia contribuir participando de grupos de discussão que avaliassem o processo evolutivo das práticas ao longo dos anos, atualizando-o em termos de oferecimento de cursos, visando contemplar as sempre renovadas demandas da sociedade, bem como no aprimoramento do processo seletivo, para inclusão dos alunos em suas práticas de interesse.

6. Lecionar para a prática contribuiu para sua experiência como professor? De que maneira?

Sim. Produção e socialização dos conhecimentos e experiências tornam o processo mais dinâmico e motivador possibilitando o uso de novas metodologias, que aplicadas nos cursos de

¹Especialista em Gestão Universitária pela Universidade São Marcos e em Administração: Marketing Estratégico pela Universidade Metodista de Piracicaba.

graduação, permitiram melhorias significativas no processo ensino-aprendizagem.

7. O que o senhor recomendaria para os alunos ingressantes?

Não encarar as Práticas de Formação como obrigação curricular, mas sim como uma oportunidade de aprimorar sua formação pessoal e profissional, optando por agregar conhecimentos que permitam seu desenvolvimento interior e o de suas habilidades.

8. Que recomendações daria para os professores que ainda não ofereceram Práticas de Formação?

Recomendaria que encarem este desafio colocando sua experiência, talento, habilidades e competência no sentido de motivar e despertar o interesse dos discentes em áreas não necessariamente ligadas às da sua formação profissional e que possam torná-los (alunos e professores) melhores e realizados como seres humanos, assim como eu me sinto.



Práticas de Formação - O desenvolvimento de Campinas 1800 a 1920

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

Série acadêmica é uma revista editada pela Pró-Reitoria de Graduação da PUC-Campinas.

Seu objetivo é ser um espaço para socialização das práticas pedagógicas que vêm sendo construídas pela comunidade universitária, no ensino, na pesquisa e na extensão.

Desde seu lançamento, em 1994, aborda ampla variedade de temas: avaliação, currículo, estágio, monitoria, pesquisa, trabalho de conclusão de curso, entre outros.

Aberta à participação de docentes e gestores, se constitui também como espaço de troca de experiências didáticas inovadoras, que possam qualificar cada vez mais as atividades acadêmico-pedagógicas da Universidade.

A revista publica trabalhos nas seguintes categorias:

Original: contribuições destinadas à divulgação de práticas pedagógicas inovadoras e relatos de experiências tendo em vista a relevância do tema, o alcance e o conhecimento gerado para futuras pesquisas e para a prática pedagógica.

Artigos de revisão: síntese crítica de conhecimentos disponíveis sobre determinado tema, mediante análise e interpretação de bibliografia pertinente, de modo a conter uma análise crítica e comparativa dos trabalhos na área, que discuta os limites e alcances metodológicos, permitindo indicar perspectivas de continuidade de estudos e contribuições

para o desenvolvimento curricular e para a prática pedagógica.

Relato de experiências: relato dos resultados de pesquisas e de atividades desenvolvidas no âmbito acadêmico, envolvendo ensino e gestão educacional, cujo objetivo é socializar resultados e subsidiar o trabalho dos profissionais que atuam na área.

Transcrição de palestras: apresentação de palestras ministradas na Universidade que trazem contribuições para a educação superior.

Entrevistas: entrevistas com professores que contribuíram significativamente para a educação e fizeram e que fazem parte da história da PUC-Campinas

PROCEDIMENTOS EDITORIAIS

Apresentação do texto: Enviar os textos para a Prograd, preparados em espaço duplo, formato A4, em um só lado da folha, fonte Arial 11. Artigos com máximo de 25 páginas para **artigo original, artigo de revisão e relatos de experiências**, 10 a 15 páginas para **Transcrição de palestras**, e até cinco páginas para **entrevista**. Todas as páginas devem ser numeradas a partir da página de identificação.

Página de título deve conter: a) título completo; b) nome de todos os autores por extenso, indicando a filiação institucional de cada um; c) endereço completo para correspondência com os autores, incluindo o nome para contato, telefone, fax e e-mail;

Texto: os trabalhos deverão seguir a estrutura formal para trabalhos científicos apresentando introdução, desenvolvimento e conclusão. O autor responsabiliza-se pela qualidade das figuras (desenhos, ilustrações e gráficos), que devem permitir redução sem perda de definição, para tamanhos de uma ou duas colunas (7 a 15cm respectivamente).

Agradecimentos: podem ser registrados agradecimentos, em parágrafo não superior a três linhas, dirigidos a instituições ou indivíduos que prestaram efetiva colaboração para o trabalho.

Anexos: deverão ser incluídos apenas quando imprescindíveis à compreensão do texto. Caberá aos editores julgar a necessidade de sua publicação.

Abreviaturas e siglas: deverão ser utilizadas de forma padronizada, restringindo-

se apenas àquelas usadas convencionalmente ou sancionadas pelo uso, acompanhadas do significado, por extenso, quando da primeira citação no texto. Não devem ser usadas no título.

Referências de acordo com as normas da ABNT: A exatidão e a adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são de responsabilidade do autor.

Encaminhamento dos originais: Enviar uma via por e-mail para o endereço serieacademica@puc-campinas.edu.br e outra impressa para a Prograd, PUC-Campinas, Campus I, empregando editor de texto MS Word 6.0 ou superior. Os trabalhos enviados são apreciados pelo Conselho Editorial e por especialistas na área, quando for o caso.

PUC

CAMPINAS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA